

ANTES QUE O MUNDO ACABE  
roteiro de Ana Luiza Azevedo, Giba Assis Brasil,  
Jorge Furtado e Paulo Halm  
adaptação do romance homônimo de Marcelo Carneiro da Cunha  
27/09/2007

\*\*\*\*\*

CENA 1 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Seis ursos negros passeiam numa floresta tropical. Um urso desaparece entre as árvores. Outro urso some, e mais um, até que todos os ursos negros somem. São imagens de uma televisão de brinquedo feita com uma caixa de papelão, fotos e desenhos, recortados e colados em papel transparente num rolo, tendo ao fundo outro rolo com o cenário.

MARIA CLARA (V.S.)

Os ursos negros estão desaparecendo. Eles vivem na Tailândia e estão desaparecendo porque as pessoas usam a bexiga deles pra fazer remédio. A Tailândia é um país da Ásia, quase ninguém conhecia até acontecer a tsunami. Lá tem outros bichos interessantes, como os elefantes que fazem cocô no vaso. O cocô do elefante é muito grande e, como na Tailândia tem muito turista, os guias ensinaram os elefantes a usarem o vaso. Eles aprenderam direitinho e até puxam a descarga com a tromba. Como que um elefante aprende a dar descarga e o meu irmão, que é um animal racional da espécie dos Homo Sapiens, não aprende?

As últimas imagens do brinquedo são fotos recortadas de pessoas e paisagens do sudeste asiático.

CENA 2 - CABANA - INT/DIA

Fotos de populações do sudeste Asiático, dispostas sobre um pano colorido com textura de artesanato asiático. Ruído de uma máquina de escrever.

Sobre as fotos, surgem os créditos.

Mãos datilografando em uma velha máquina de escrever

portátil. Fragmentos das palavras que vão sendo impressas no papel.

Outras fotos de populações asiáticas. Ruído de máquina pára. Ruído de papel sendo tirado da máquina.

Mão de homem recolhe as fotos, que estavam sobre o pano estendido. A mão junta as fotos com a carta datilografada, coloca tudo em um envelope colorido.

Mão de homem fecha o envelope, cola um adesivo do projeto "ANTES QUE O MUNDO ACABE" e escreve o nome e endereço do destinatário:

Daniel Vaz  
Rua das Camélias 312  
Pedra Grande, Brasil

CENA 3 - RUAS DE PEDRA GRANDE - EXT/DIA

DANIEL, 14 anos, numa bicicleta nova, pedala em grande velocidade por uma rua larga, com canteiro no meio, quase sem movimento. Em volta, um casario de cidade pequena.

MIM (F.Q.)  
Daniel, esperaaaa.

Daniel é seguido por MIM, 14 anos, de bermuda e um casaquinho "estiloso", que sai do portão de sua casa montando numa bicicleta colorida, e por LUCAS, 15 anos, numa bicicleta velha. Daniel não diminui a velocidade.

DANIEL  
Quem chegar por último é mulher do padre Eusébio.

Mim e Lucas aceleram, encostam em Daniel.

CENA 4 - ESTRADA DE TERRA JUNTO A FLORESTA /BEIRA DE RIO - EXT/DIA

O envelope colorido no bagageiro de uma bicicleta, junto com outros pacotes.

Um homem de traços asiáticos e roupa de MONGE BUDISTA conduz

a bicicleta, por uma estrada de terra, até a beira de um rio.

MARIA CLARA (V.S.)

Na Tailândia andam muito de bicicleta. O meu irmão não mora na Tailândia mas também anda muito de bicicleta. Aliás, aqui em Pedra Grande, pequena cidade agrícola à beira do rio Caí, todo mundo anda muito de bicicleta, e isso bem antes da tsunami.

CENA 4A - ESTRADAS A CAMINHO DO RIO (ponto intermediário entre o urbano e o rural) - SAO PEDRO DO SUL - EXT/DIA

Daniel, Mim e Lucas afastam-se. Seguem por uma grande ladeira, afastando-se da cidade. Passam por um homem que empurra uma bicicleta carregada de chapéus de palha.

CENA 4B - TAILÂNDIA/ESTRADA DE TERRA - EXT DIA

Monge de bicicleta segue por uma estradinha de terra. Camponeses colhem arroz no banhado. O envelope segue na bicicleta. A bicicleta se afasta.

CENA 4C - PONTE/PEDRA GRANDE - EXT/DIA

Mim, Daniel e Lucas, de bicicleta, cruzam uma ponte sobre o rio.

CENA 5 - ANCORADOURO DE MADEIRA - EXT/DIA

Monge alcança os pacotes e o envelope colorido para um BARQUEIRO, também de traços asiáticos, que acomoda a bagagem numa pequena embarcação.

CENA 6 - ESTRADA EM PEDRA GRANDE - EXT/DIA

Daniel, Mim e Lucas numa estradinha de terra que acompanha o rio.

CENA 7 - ANCORADOURO DE MADEIRA ou BEIRA DE UMA LAGOA - EXT/DIA

O barco se afasta no rio.

Sobre as águas do rio, continuam os CRÉDITOS.

CENA 8 - BEIRA DO RIO / CINAMOMOS - EXT/DIA

Um grande gramado acompanha as curvas do rio. Sobre o gramado, quatro velhos cinamomos. Uma taipa com uma trilha separa o gramado de uma estrada de terra.

No alto de uma das árvores, Daniel arranca cachos de bolinhas de cinamomo e joga-os para Lucas, que debulha os cachos sentado no gramado.

Um pouco afastada dos dois, Mim desenha um mapa sobre uma pedra na beira do Rio.

Mim olha para a outra margem do rio.

MIM

Pra que lado fica Viamão?

Lucas aponta para Viamão.

LUCAS

Pro mesmo lado de Porto Alegre, pra lá.

MIM

E Santa Maria?

LUCAS

(apontando) Mais pra oeste. Pra lá...

MIM

A vantagem de Santa Maria, segundo a minha mãe, é que lá eu posso morar com a minha vó e depois já fico pra faculdade.

LUCAS

Eu queria informática, mas aí tem que morar em Porto Alegre, pagar aluguel... A escola agrícola é... tipo uma fazenda. A gente fica morando lá a semana toda. E Viamão é perto. A inscrição começa na semana que vem. E é por ordem de chegada.

MIM

E tu vai querer chegar antes?

LUCAS

Não sei... Já imaginou eu tirando leite e plantando batata?

Daniel continua em cima da árvore colhendo bolinhas.

DANIEL

Plantando batata já, muitas vezes.

MIM

Eu queria ir pra Porto Alegre.

DANIEL

O Antônio acha que eu tenho que ir pra Porto Alegre. Minha mãe fica em pânico só de pensar.

MIM

Santa Maria fica mais longe ou mais perto que Porto Alegre?

LUCAS

Daqui, mais longe.

MIM

E Nova York..?

Daniel olha para longe.

DANIEL

Logo ali. Depois de Araricá, vem Parobé, Sapiranga, Campo Bom e Nova York. Dá pra enxergar daqui.

MIM

Dãããã.

Daniel desce agilmente da árvore e se aproxima de Mim.

DANIEL

A gente podia alugar um apartamento e morar juntos em Porto Alegre, né Mim?

Mim, com um gesto carinhoso, afasta Daniel e se aproxima de

Lucas, que já separa as bolinhas em três montinhos.

MIM

Podia. Num apartamento de TRÊS quartos. E pelo menos dois banheiros, um só para mim.

Lucas sorri. Daniel se aproxima dos dois, pega seu monte de bolinhas e coloca no bolso.

LUCAS

Tem também o seminário, (tom) "uma escola boa e de graça".

DANIEL

Os filhos da Dona Glória foram. O Guto vai virar padre, os outros já desistiram e tão procurando emprego em Porto Alegre.

LUCAS

Diz que tudo que é família tem que ter um padre e um veado.

DANIEL

Mas dá pra acumular.

Lucas desdenha a resposta de Daniel.

MIM

Já pensou se livrar do Padre Eusébio e pegar outros dez que nem ele?

DANIEL

(para Lucas) Quem sabe tu vira padre e volta pra ser diretor do Dom Bosco?

LUCAS

Ia ser divertido. (forçando a voz) "Padre Eusébio, o senhor por favor limpe os cocôs das cobaias..."

DANIEL

(no mesmo tom) "... e organize todas as substâncias químicas nos seus vidrinhos, uma a uma."

MIM

O problema é ter que fazer voto de castidade.

DANIEL

Pra quem já viveu quinze anos sem fazer sexo,  
mais sessenta não faz diferença, né Lucas?

Neste momento, ouve-se um sino ao longe.

Mim e Lucas pegam as bolinhas e começam a encher os bolsos.  
Daniel se afasta deles correndo.

DANIEL

O Seu Custódio não espera.

CENA 9 - CORREIOS - INT/DIA

Uma esteira com muitas cartas. O envelope colorido está entre  
as cartas.

CENA 10 - BEIRA DO RIO / PEDRA - EXT/DIA

Daniel, Mim e Lucas atravessam a ponte pênsil. Ao fundo, do  
outro lado do rio, estão as 3 bicicletas estacionadas.

MIM

Já pensou, morar em Porto Alegre? Um monte de  
cinema e shows pra ir, ninguém pra nos encher  
o saco.

LUCAS

Só quando eu puder trabalhar.

MIM

E quando é que tu pode?

LUCAS

A partir de maio do ano que vem.

DANIEL

Então, a tua mãe tem que te sustentar só dois  
meses.

LUCAS

A partir de Maio eu POSSO trabalhar, não quer  
dizer que eu VÃ conseguir emprego.

Daniel sacode a ponte para que os outros se desequilibrem.

DANIEL

Claro que vai. Deve ser fácil arranjar um de... empacotador de supermercado.

LUCAS

E tu acha que eu vou conseguir pagar um aluguel, comida, ônibus, ir a shows e cinema com o salário de empacotador de supermercado? Acorda, Daniel!

Os três se escondem na margem do rio.

DANIEL

A gente pode alugar um apartamento de dois quartos pra ficar mais barato.

MIM

E tu fica no quarto de empregada.

DANIEL

Quem acertar menos fica com o quarto de empregada.

Som de motor de um barco ao longe. Na curva do rio, um pouco adiante, aparece o barco. Dentro dele, um barqueiro, SEU CUSTÓDIO, 60 anos, e 15 CRIANÇAS uniformizadas, todas com 8 a 10 anos.

Daniel, Mim e Lucas se aproximam da beira do rio, com as mãos cheias de bolinhas. Aguardam o barquinho se aproximar.

Quando o barco cruza próximo a eles, Daniel, Mim e Lucas começam a atirar as bolinhas na direção das crianças. De dentro do barco, as crianças reagem, também atirando bolinhas que mal chegam à margem. Daniel e Lucas acertam em várias. Mim apenas em duas. O barco se afasta.

DANIEL

Ehe! o quarto de empregada é da Mim.

Mim se atira na água, mergulha. Daniel a segue. Lucas atravessa a ponte e vai caminhando em direção às bicicletas.

LUCAS

Vou nessa!

MIM

(gritando para Lucas) A gente se vê na festa do Beto.

Daniel segura Mim ajudando-a a boiar em forma de estrela.

Lucas pega a bicicleta e vai se afastando, pedalando.

DANIEL

Eu não queria sair daqui.

MIM

Eu queria ir direto pra Nova York, ficar famosa e ganhar o Grammy.

DANIEL

Em que categoria?

MIM

Melhor intérprete de rock da América Latina, para começar.

DANIEL

Tu pode começar como melhor intérprete de rock de Santa Maria.

Mim joga água em Daniel, ele dá um caldo em Mim.

CENA 11 - RUAS DE PEDRA GRANDE/LOJA DE BICICLETAS -  
EXT/ENTARDECER

Lucas atravessa veloz as ruas da cidadezinha, cruzando com a bicicleta do BARÃO, o carteiro.

LUCAS

Quatro a um!

BARÃO

Não, três a zero.

Lucas para na loja de bicicletas. O carteiro segue pelas ruas da pequena cidade.

CENA 12 - RUA DE DANIEL - EXT/ENTARDECER

O Carteiro, tocando a campainha de sua bicicleta, passa por uma madeireira, com muitas bicicletas estacionadas na frente.

ELAINE, 40 anos, está chegando a pé, com uma pasta na mão e compras penduradas no braço, em uma casa de estilo açoriano. Também há bicicletas estacionadas na frente da casa, e nas casas em volta.

O carteiro cruza para o outro lado da rua e se encontra com Elaine, exatamente quando ela está abrindo a porta para entrar em casa. O carteiro entrega a ela alguns envelopes pequenos e também o envelope grande e colorido que vimos antes.

ELAINE  
Obrigada, Barão.

O Carteiro segue, deixando cartas nas casas vizinhas. Elaine abre a porta enquanto olha as cartas. Examina o envelope colorido, estranha.

GLÓRIA (F.Q.)  
Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Elaine olha. A seu lado, aproximando-se está DONA GLÓRIA, 60 anos, trazendo na mão uma capelinha de madeira com porta de vidro e, dentro, uma Nossa Senhora de gesso. Glória tem que passar por cima de uma bicicleta mal estacionada, e reclama.

GLÓRIA  
Não suporto mais estas bicicletas na minha calçada. Cada dia tem mais.

Dona Glória entrega a capelinha para Elaine, que, com as mãos cheias, se atrapalha toda para pegar.

Glória  
Pode me devolver amanhã?

ELAINE  
Claro.

Glória  
É que eu tenho que passar pra Teresinha antes do Pentecostes, e a rua toda ainda...

Dona Glória continua falando, mas não conseguimos ouvir porque o apito da fábrica soa muito alto. Os portões se abrem e muitos funcionários saem, pegam suas bicicletas e vão embora.

Elaine fica parada à porta, com a pasta, as cartas e a capelinha na mão, sem reagir ao que acontece na sua volta. Dona Glória volta para a casa ao lado, fazendo gestos, reclamando do barulho.

CENA 13 - BEIRA DO RIO/PEDRA - EXT/ENTARDECER

Daniel e Mim estão deitados na pedra, beijando-se, acariciando-se. De repente, Mim pára, afasta-se dele, senta. Daniel fica surpreso.

DANIEL  
O que foi?

MIM  
Não adianta, Daniel. Tem alguma coisa errada com a gente. Ou comigo.

DANIEL  
Peraí, Mim. De novo?

MIM  
Não tá dando certo, Daniel. Acho que a gente precisa dar um tempo.

Silêncio. Daniel tenta abraçar Mim, novamente. Ela o rejeita, incomodada.

MIM  
(já levantando) Ah, me deixa... tô falando sério.

DANIEL  
Tá me dando o fora?

MIM  
Tou. (tempo) Acho que tou.

Mim recolhe suas coisas, pega sua bicicleta e vai embora. Daniel fica sentado olhando Mim se afastar.

CENA 14 - CASA DE DANIEL/COZINHA - INT/NOITE

ANTÔNIO, 50 anos, termina de colocar alguns sonhos para fritar. Elaine coloca o envelope colorido num balde de lixo seco.

ELAINE  
Chegou agora.

Antônio pega o envelope e repete o mesmo movimento de Elaine na cena anterior: olha frente e verso. Antônio olha para Elaine. Elaine sai da cozinha. Antônio coloca o envelope no lixo. Pensa um pouco. Retira o envelope do lixo.

CENA 15 - RUAS DE PEDRA GRANDE - EXT/NOITE

Daniel atravessa as ruas desertas de Pedra Grande em sua bicicleta.

CENA 16A - PÁTIO - EXT/DIA

Através do visor de um brinquedo óptico (com o formato de uma pequena câmara), vemos uma imagem em looping:

Daniel com 5 anos, Elaine e Antônio posam como se fossem tirar uma foto. Daniel está montado em um triciclo, Elaine e Antônio agachados ao seu lado. Daniel pedala, aproximando-se da câmara. Elaine faz cara de pavor e tenta segurá-lo, Antônio se levanta, ficando cortado pelo joelho. A mesma cena se repete várias vezes, até o final do texto.

MARIA CLARA (V.S.)  
Estes são o meu irmão Daniel, o meu pai Antônio e a minha mãe Elaine. O meu pai tá um pouquinho mais careca, mas continua bonitinho. A minha mãe continua esperando que o pior vai acontecer, mas hoje não usa roupas tão ridículas. O Daniel, não sei por quê, apesar de não dar a descarga NUNCA, é o personagem principal desta história. Nós moramos em Pedra Grande, pequena cidade agrícola à beira do rio Caí, mas isto eu já disse.

CENA 16 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/NOITE

MARIA CLARA, 10 anos, faz de conta que filma com sua pequena câmara. Som de TV ligada. Antônio entra na sala com um prato de sonhos, pega o controle da TV, tira o som. Maria Clara, de pé no sofá, acompanha Antônio com a câmara. Sobre o sofá, muitos recortes, papéis, cola e muitos outros materiais escolares. Maria Clara pega um sonho enquanto filma.

Elaine se aproxima do sofá, de roupão e secando o cabelo, pega o controle da televisão, liga o som.

ELAINE

Será que a senhorita poderia tirar alguma coisinha do sofá pra eu sentar?

Maria Clara, sem parar de filmar e comer ao mesmo tempo, empurra os papéis para o chão com o pé.

Elaine pega um sonho e come, deliciando-se.

ELAINE

Humm, que delícia.

O barulho da porta abrindo faz com que Maria Clara vire a câmara para a porta.

Daniel entra na casa, carregando a bicicleta. Encosta a bicicleta em um canto.

MARIA CLARA

Chegou o emburrado, segue para o quarto sem dar um oi e sem nem provar os deliciosos sonhos.

Neste momento, o telefone começa a tocar.

ELAINE

Sabe que horas são, Daniel?

Daniel ignora a mãe, passa pela sala e segue pelo corredor. Elaine atende o telefone.

ELAINE

Odeio ficar falando sozinha! (ao telefone)  
Alô?

CENA 17 - CASA DE DANIEL/CORREDOR E QUARTO - INT/NOITE

Daniel está chegando em seu quarto, colocando a mão no trinco para abrir a porta, quando ouve uma voz que vem da sala.

ELAINE (F.Q.)  
Daniel, telefone!

DANIEL  
Quem é?

ELAINE (F.Q.)  
O Beto.

Daniel, decepcionado, abre a porta do quarto, olha pra dentro. Na penumbra, consegue ver o monitor de seu computador.

No protetor de tela, um enorme ícone de rosto triste.

DANIEL  
Diz pra ele que eu não vou.

Daniel entra no quarto e fecha a porta.

CENA 18 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/NOITE

Na sala, Elaine continua ao telefone.

ELAINE  
Ele diz que não vai, Beto.

Antônio larga os sonhos na mesa de centro e começa a arrumar a bagunça da sala. Tira o som a TV. Maria Clara para de filmar e senta.

ANTÔNIO  
(em voz baixa, só para Maria Clara) Sabia que os adolescentes têm grande variação de humor por causa dos hormônios?

MARIA CLARA  
É?

ELAINE

(ao telefone) É, acho que sim.

Antônio tenta dar uma ordem nos livros que estão em cima da mesa. Maria Clara pega, entre eles, um flip book. Finge que está mostrando para Antônio a animação para cochichar com ele. Na animação do flip book, vemos um menino, que de santo se transforma num monstro.

ELAINE  
De novo, é.

Elaine segue ao telefone. Antônio continua arrumando a sala e prestando atenção nas confidências de Maria Clara.

MARIA CLARA  
Tu acha que o Daniel tem variação de humor?

ANTÔNIO  
Um pouco.

MARIA CLARA  
Pra mim ele tá SEMPRE irritado.

ELAINE  
Feliz aniversário, Beto. (...) Tchau.

Elaine bate o telefone e se aproxima do sofá.

ELAINE  
Uh... Como fala este Beto...

Maria Clara pega mais um sonho e come.

MARIA CLARA  
Eu acho que aqui em casa, a única adolescente é a mãe.

Maria Clara e Antônio trocam olhares cúmplices.

ELAINE  
(para Antônio) Por mim, eu deixava esta carta no lixo.

ANTÔNIO  
Deixa ele decidir.

Maria Clara pega sua câmara de brinquedo e aponta-a para a

carta sobre a mesa, ao lado do sofá. Olha para a carta com o olho que está fora da câmara. Vira a carta para ver o remetente: DANIEL VAZ. Vira de novo para ver o destinatário: DANIEL VAZ. Volta a olhar o remetente: DANIEL VAZ.

#### CENA 19 - CASA DE DANIEL / QUARTO - INT/NOITE

O quarto de Daniel: cama desarrumada, guarda-roupa entreaberto, bonés e tênis atirados num canto, pôsters de futebol na parede, Daniel sentado em frente ao computador.

Daniel joga no computador. Um jogo de simulação de vôo e obstáculos. Ponto de vista de um piloto na cabine de avião. No painel, indicadores de combustível, trajeto a ser percorrido (Ásia/Brasil), altitude, velocidade, etc... À frente, o mapa mundi ficando mais próximo ou mais longe conforme o piloto manipula.

Quando passa pelo Iraque, o avião de Daniel tem que se defender de mísseis. Na África, tem que abastecer, mas uma manada de elefantes e/ou leões não deixa que ele pouse, etc... Quando não consegue ultrapassar o inimigo, aparece o aviso: "Game Over".

Enquanto joga, Daniel fala com Lucas pelo sistema de comunicação do próprio computador, com câmara e microfone.

#### CENA 20 - ESCOLA/LABORATÓRIO - INT/NOITE

Um laboratório de química e biologia muito bem equipado. Sobre uma bancada, num canto da grande sala, Lucas usa um laptop.

A partir deste momento, as cenas são montadas intercaladamente: imagens do jogo, Daniel no seu quarto, Lucas no laptop da escola.

DANIEL (jogando)  
Não consigo passar do Atlântico.

LUCAS  
Tem que botar o avião sobre a pomba.

DANIEL  
Avião sobre a pomba? Tu não vai no aniversário

do Beto?

LUCAS  
Ele não me convidou.

DANIEL  
Que guri escroto!

LUCAS  
E tu?

DANIEL (jogando...)  
Não tou a fim de ver a Mim. Peguei a pomba.

Lucas, no laptop, está justamente abrindo uma pasta com o nome "Mim". Dentro dela, um arquivo chamado "Beat Acelerado". Lucas olha para a tela com atenção.

DANIEL  
(chamando atenção) Lucas! Peguei a pomba, o que é que eu faço agora?

LUCAS  
Agora tem que ir até uma ilha dos Açores.  
Depois, embarcar num dos navios.

Lucas copia o arquivo para uma outra pasta. Clica em cima dele. Ele abre: é um arquivo de som, com formato de onda. Lucas parece satisfeito com o que fez.

DANIEL  
Morri de novo.

LUCAS  
Vocês brigaram?

DANIEL  
Estamos "dando um tempo". Volto pra Ásia.  
Enchi.

LUCAS  
... do jogo?

DANIEL  
Não, da Mim. É muito quer-não-quer. Quê que tu tá fazendo aí até essa hora?

Lucas executa outro comando, modificando visualmente a onda na tela do laptop.

LUCAS

Deveres de monitor, vantagens de monitor. E ela?

DANIEL

Sei lá. Consegui pegar o navio. Ops!

No jogo, o avião de Daniel quase pousa no navio, mas cai no oceano mais uma vez. GAME OVER.

Lucas fecha e guarda o laptop no armário.

Daniel fecha o jogo e, no computador, surge o protetor de tela: semelhante ao ícone que apareceu antes, mas agora na forma de um rosto sorrindo.

Daniel dá uma volta rápida girando a cadeira. O ícone do rosto lhe sorri novamente.

Daniel, de súbito, levanta e sai do quarto.

CENA 21 - PORÃO/SINUCA - INT/NOITE

Festa. Música alta. Mim dança junto com outras 5 ou 6 MENINAS, entre elas TINA, 14 anos. Os MENINOS dançam em outro grupo, próximo dali.

BETO, um guri grande e desajeitado demais para os seus 14 anos, se aproxima, dançando, soprando uma língua-de-sogra.

BETO

Olha aqui: não vai cantar pra gente, Mim?

MIM

(com cara de quem não ouviu) O quê?

BETO

(falando muito alto) Não vai cantar? Na festa? Uma canja?

Mim e Tina trocam um olhar de "que cara abobado". Mim, divertida, fica bem próxima ao Beto e começa a dançar com ele.

MIM

O que tu quer que eu cante, Beto? O "parabéns a você"?

Beto ri exageradamente. Mim e Tina voltam a se olhar.

BETO

Olha aqui: eu sei por que o Daniel não veio.

MIM

(séria) Ah, é?

Beto se abaixa pra encostar seu rosto no da Mim.

BETO

É lógico. Porque ele sabia que tu ia ficar comigo na festa.

Mim não chega a levar a sério. Tina puxa Mim pelo braço.

TINA

Mim, tá na hora do "Senhor Wilson".

As duas se afastam. Beto, com uma caneta-laser, desenha uma forma de coração na bunda da Mim.

BETO

Olha aqui: tu não sabe o que tá perdendo, hein?

Da porta de entrada, Daniel observa a cena. Mim vê Daniel, mas segue com Tina para o outro lado. Daniel vai embora.

CENA 22 - RUAS DA CIDADE - EXT/NOITE

Daniel pedala pela cidade vazia.

CENA 23 - CASA DE DANIEL/COZINHA - INT/DIA

Mesa do café da manhã colocada, o envelope colorido em cima. Elaine prepara um prato de granola. Antônio prepara uma torrada. Maria Clara já toma seu achocolatado com torrada. Daniel vem do banheiro com cara de sono. Senta à mesa. Silêncio.

MARIA CLARA

Oh, Daniel, tu viu que chegou uma carta de ti pra ti?

ELAINE

Maria Clara, por favor!

MARIA CLARA

Qual o problema? Só tou perguntando se...

ANTONIO

Maria Clara, "mais antes falar mais pouco". Termina de comer.

DANIEL

O que é que houve?

ELAINE

Nada, esquece.

MARIA CLARA

É, Daniel, esquece.

Daniel olha para Antônio, que lhe passa a torrada sem falar nada. Daniel olha para Elaine. Silêncio.

DANIEL

O quê que eu fiz?

MARIA CLARA

Não te preocupa, monstro, desta vez tu não fez nada.

Elaine fuzila Maria Clara com o olhar. Antônio entrega o envelope colorido para Daniel.

ANTÔNIO

Chegou ontem pra ti.

Daniel observa o envelope, os selos estrangeiros, estranha o remetente: Daniel Vaz. O mesmo nome do destinatário: Daniel Vaz. Olha o endereço de envio: algum lugar na Tailândia. Olha para Elaine que come a sua granola sem o encarar. Olha novamente a frente e o verso. Empurra o envelope para Elaine.

DANIEL

Não é pra mim, deve ser algum engano.

MARIA CLARA  
Não vai abrir?

DANIEL  
Já falei que não é pra mim.

MARIA CLARA  
Deixa eu abrir?

DANIEL  
NÃÃO!

Daniel pega o envelope, bruscamente, e o coloca no lixo. Pega a mochila, a bicicleta e sai.

Maria Clara pega a torrada de Daniel e come. Antônio serve café para Elaine.

ANTÔNIO  
Ele já tem quinze anos.

ELAINE  
Pois é, já faz quinze anos.

Elaine segue tomando café em silêncio.

CENA 24 - RUA/CALÇADA DAS JANELAS - EXT/DIA

Daniel pedala ferozmente pela rua, passando em frente a uma fileira de janelas semelhantes.

SEU JOÃO, 60 anos, passa de bicicleta no sentido contrário. Uma oficina de bicicletas abre as suas portas.

CENA 25 - RUA/ LADEIRA CASAS BRANCAS - EXT/DIA

Daniel continua pedalando, agora mais devagar. Numa casa branca de janelas verdes, um HOMEM pinta a parede tentando esconder uma pichação. Mais adiante uma SENHORA de 70 anos varre a calçada.

CENA 26 - RUA/CLUBE - EXT/DIA

Daniel pára de pedalar, anda na catraca. Igreja e colégio ao fundo.

CENA 27 - ENTRADA DA ESCOLA - EXT/DIA

Daniel chega na escola, pára a bicicleta, desce, vê Mim encostada numa coluna, na entrada da escola, entre um bando de outros COLEGAS que vão chegando. Daniel dá as costas para ela, fica botando a tranca na sua bicicleta.

Daniel dá um tempo, respira fundo. Então se vira para onde Mim estava. Mas ela já foi.

CENA 28 - ESCOLA/LABORATÓRIO - INT/DIA

Isolado no canto do laboratório de química, Daniel observa Mim. Lucas e Mim fazem experiências com tubos de ensaio. IRMÃ MIRNA, a professora de química, em uniforme de freira, vai falando o tempo todo enquanto se movimenta entre os alunos.

IRMÃ MIRNA

... a gente pensa em produtos perigosos, que queimam, que fazem fumaça. Mas vocês tão vendo que nem sempre isso é verdade.

Mim, com o auxílio de uma pipeta, põe alguns líquidos nos tubos. Ela e Lucas observam o resultado. Lucas faz anotações no laptop. Daniel, do outro lado da bancada, observa.

Mim e Lucas, ao mesmo tempo que conversam, se divertem, riem.

IRMÃ MIRNA

Os ácidos têm sabor azedo e as bases são adstrin-gen-tes, quer dizer, amarram a boca. Mas não é pra provar, não, que isso é ácido sulfúrico.

Entre Daniel e Mim, Beto se vira de repente, bate sem querer num tubo com uma gosma nojenta dentro, derramando tudo sobre o balcão. Os colegas em volta reagem discretamente ao acidente.

IRMÃ MIRNA

Mais adiante vocês vão ver que os ácidos estão

muito presentes na vida de vocês, na comida,  
na bebida, nos remédios...

A campanha de final de período toca. Grande agitação na turma. Mim recolhe suas coisas. Beto coloca um polígrafo sobre a gosma. A professora de química recolhe seu material. Daniel, sem tirar os olhos de Mim, recolhe suas coisas apressadamente.

IRMÃ MIRNA

Por hoje, chega. Não esqueçam que na quarta-feira tem prova. É pouca coisa: ácidos, bases, aglutinogênios, ponto e vírgula e revolução francesa...

Alguns alunos reagem, sem achar muita graça. Betoa, agora de propósito, derrama o resto do tubo sobre a mesa, coloca um vidro sobre a gosma e sai. Os demais alunos também estão saindo.

IRMÃ MIRNA

Lucas, não saia sem alimentar as cobaias, limpar tudo e organizar as substâncias químicas em seus respectivos vidros, uma a uma.

LUCAS

Sim, senhora.

Mim sai da sala apressadamente. Esquece o casaco no encosto da cadeira. A professora sai. Daniel sai. Lucas termina de fazer suas anotações e fecha o laptop.

CENA 29 - ESCOLA/ESCADA - INT/DIA

Mim está descendo a escada, apressada. Daniel tenta alcançá-la.

DANIEL

Mim...

Mim diminui pára, olha para Daniel, que está alguns degraus acima.

DANIEL

(atrapalhado) Só queria saber... Quanto tempo

é "um tempo"?

Mim pensa um pouco.

MIM

Sei lá, Daniel. Um tempo ... é um tempo. Não sei quanto tempo é, mas ainda não passou.

DANIEL

Vou contar até cem.

MIM

Conta até mil. Eu tenho que ir, tou atrasada.

Mim dá as costas para Daniel e se afasta, descendo outro lance da escada. Daniel observa Mim se afastando em direção à saída da escola. Alguém chega por trás e dá um tapinha consolador em suas costas.

É Beto, que se aproxima acompanhado por COLEGAS, um deles com uma bola na mão.

BETO

Azar o teu, Presunto. Não foi na festa, agora a Mim tá caidinha por mim.

DANIEL

É. Eu notei.

BETO

Vamos jogar bola? Conseguimos a quadra até às dez.

DANIEL

Não tou a fim.

OUTRO COLEGA

Qualé, Daniel? Vai ficar sofrendo por um rabo de saia?

BETO

Se bem que, por um rabinho como o da Mim, até que vale a pena...

Daniel encara Beto, entra no laboratório. Beto segue com os colegas.

CENA 30 - LABORATÓRIO - INT/DIA

Daniel abre a porta do laboratório, Lucas está ao telefone.

LUCAS

Já vi. (...) Pode deixar que eu levo. (...)  
Tudo bem. (...) Eu também. (...) Outro.

Lucas desliga, continua a lavar pipetas e tubos de ensaio, guardar as soluções nos vidros e os vidros nos armários da sala ao lado. Daniel tenta ajudar Lucas alcançando-o os vidros, Lucas nunca o encara.

DANIEL

Tu pode me ajudar no trabalho de química?

LUCAS

O que é que falta?

DANIEL

Tudo.

LUCAS

Tu pelo menos leu o capítulo?

Lucas começa a lavar a bancada com uma esponja. Uma gosma especialmente gosmenta parece resistir à limpeza, ele redobra o esforço.

DANIEL

Só metade, sobre os ácidos. Não consigo entender o que é mol.

LUCAS

É... não é mol.

DANIEL

Piada horrível. Por que a pressa?

LUCAS

Marquei de sair.

DANIEL

Um encontro?

LUCAS

É, mais ou menos.

Lucas continua limpando a gosma com pressa, sem olhar para Daniel, que o observa.

DANIEL  
Que gosma nojenta é essa?

LUCAS  
Carboximetil celulose de sódio.

DANIEL  
O que é isso?

LUCAS  
Uma gosma nojenta.

DANIEL  
Vai lá que eu limpo isso.

LUCAS  
Pode deixar. Eu limpo rapidinho.

DANIEL  
Troco por uma ajuda no trabalho.

LUCAS  
Não precisa. Eu estou terminando. Eu te ajudo no trabalho, sem troca. Pode ser amanhã? Hoje, não dá.

DANIEL  
Pode.

Lucas termina de limpar a pequena mancha de gosma e descobre, por baixo do vidro, uma enorme mancha da mesma gosma nojenta. O vidro grudou na gosma que grudou na bancada.

DANIEL  
Putz!

LUCAS  
Que saco!

Lucas continua a limpar a gosma.

DANIEL

Vai, deixa que eu termino. É só limpar e guardar esses trecos?

LUCAS  
E dar comida pras cobaias.

DANIEL  
Cai fora, eu termino.

LUCAS  
Tem certeza?

DANIEL  
Tenho.

Lucas larga a esponja, vai até a mesa do professor, pega a mochila, tira o adaptador amarelo da tomada, coloca-o na mochila, pega a chave com o número da sala no chaveiro.

LUCAS  
Quer ir a Porto Alegre no sábado?

DANIEL  
Tu vai fazer o teste?

LUCAS  
Vou.

DANIEL  
Pode ser

Lucas vai até a porta, põe a chave na fechadura.

LUCAS  
Depois tranca a porta e deixa a chave embaixo da samambaia do Dom Bosco. Amanhã eu chego cedo e pego a chave.

DANIEL  
Pode deixar, não esqueço, vai tranquilo.

Lucas olha discretamente para Daniel. Daniel pega a esponja e começa a limpar a bancada. Lucas pega um casaco feminino no encosto da cadeira onde Mim estava sentada.

LUCAS  
Valeu, Daniel.

Lucas sai, apressado. Daniel fica limpando a gosma da bancada.

Pequena passagem de tempo, Daniel segue a limpeza. Um pouco de gosma respinga em seu casaco.

Daniel pára tira o casaco e o atira sobre a bancada onde estava o casaco de Mim.

Daniel recomeça a limpar. Para. Olha para a cadeira onde estava o casaco de Mim, e onde agora há apenas o seu próprio casaco.

Daniel pensa. Olha para o telefone. Olha para onde estava o casaco de Mim.

Daniel larga a esponja, vai até o telefone, tira o telefone do gancho e aperta no "redial". O telefone chama duas vezes e Mim atende.

CENA 31 - RODOVIÁRIA - EXT/DIA

Mim, de pé na frente do ônibus para Caxias. Atrás dela, uma MÃE se despede de seu FILHO na porta do ônibus. Mim olha para o celular, atende.

MIM

Lucas? Eu não tou acreditando!

CONT. 30 - LABORATÓRIO - INT/DIA

Daniel, parado ao lado do telefone, apenas escuta, sem reagir.

MIM (pelo auto-falante do telefone)

Lucas, nós perdemos o direto!

Silêncio. Daniel continua estático.

MIM

(pelo auto-falante do telefone) Eu vou te matar, o das seis é pinga. (...) Lucas?  
(tempo)

CONT. 31 - RODOVIÁRIA - EXT/DIA

Mim na estação, impaciente; enquanto fala ao telefone, caminha equilibrando-se no meio-fio.

MIM

Tu tá me ouvindo? Tá mudo pra mim. (tempo)  
Alô? Lucaaaaaas?

Lucas se aproxima por trás dela.

LUCAS

Tô aqui!

Mim se vira, olha para o telefone, olha para Lucas.

LUCAS

Tá com as passagens?

Mim desliga o celular.

MIM

Tou.

Os dois entram rapidamente no ônibus.

CONT. 30 - LABORATÓRIO - INT/DIA

Daniel desliga, fica parado por um momento.

Daniel volta para a bancada, recomeça a limpar a gosma. Limpa cada vez mais vigorosamente, com força, com raiva, com fúria.

Num ataque, Daniel quebra os frascos do laboratório. Chuta o saco de ração para cobaias no chão. Dá um pontapé numa gaiola de cobaias, abrindo a porta. Chuta uma pilha de vidros que se quebram e se espalham pelo chão.

Daniel sai do laboratório apressado. Bate a porta. Pelo lado de dentro, o chaveiro com a imagem de Santo Antônio balança na chave.

CENA 32 - RUAS DA CIDADE - EXT/DIA

Daniel pedala, com muita raiva, pelas ruas da cidade.

CENA 33 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/DIA

Um boneco anda sem parar numa bicicleta num movimento repetitivo de um "praxinoscópio" (um brinquedo óptico que, pela repetição de imagens levemente diferentes, cria a idéia de movimento).

MARIA CLARA (V.S.)

A China é o reino das bicicletas, mas tão montando uma fábrica de automóveis lá e a maioria das 500 milhões de bicicletas vão desaparecer. A Holanda, não tem fábrica de automóveis e a cada 5 habitantes, 4 andam de bicicleta.

CENA 34 - CASA DE DANIEL/VARANDA /COLAGEM DE CENAS COM PERSONAGENS DA CIDADE - EXT/DIA

Maria Clara brinca com uma pequena bicicleta de boneca sobre a balaustrada da varanda de sua casa, enquanto observa o movimento na rua.

MARIA CLARA (V.S.)

Aqui em Pedra Grande também não tem fábrica de automóveis, e, dos 5 mil habitantes, 3 mil têm bicicleta. Bem dizer, todo mundo anda de bicicleta.

Dona Glória amarra três gaiolas de periquitos na bicicleta e sai calmamente para passear. Beto pedala em direção a Dona Glória e fica dando voltas perigosas em torno da bicicleta dela. Dona Glória fica nervosa.

MARIA CLARA (V.S.)

E, só pelo jeito de andar nela, dá pra saber quem é que tá vindo. A Dona Glória, nossa vizinha, anda lenta e cuidadosamente quando leva os periquitos pra pegar sol.

Seu João pedala rapidamente, chega em frente à madeireira, larga a bicicleta de qualquer jeito e entra correndo.

MARIA CLARA (V.S.)

Seu João está sempre atrasado.

CENA 34 A - RUA DAS JANELAS - EXT/DIA

Daniel andando de bicicleta em momentos diferentes, e de diversas formas: com raiva, com pressa, feliz, pedalando devagar.

MARIA CLARA (V.S.)

O Daniel, de longe já dá pra saber se tá irritado, muito irritado ou insuportavelmente irritado.

CENA 34B - CASA DE DANIEL/FRENTE - EXT/DIA

Daniel chega em casa. Dona Glória, em frente à casa ao lado, tira compras de sua bicicleta.

Glória

Daniel, tu podes me dar uma mãozinha?

Daniel nem ouve o que Dona Glória fala e entra em casa sem olhar pra trás.

CENA 35 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/DIA

Sentada no chão da sala, Maria Clara arma, sobre a mesa, um imenso quebra-cabeça. Faltam poucas peças para completar o trabalho. Daniel entra em casa, batendo a porta atrás de si.

MARIA CLARA

Chegou o nervosinho. Vai direto pro quarto. Bate a porta e não dá nem boa noite.

Daniel fuzila a irmã com um olhar de raiva.

DANIEL

Errou.

Daniel dá um chute violento na mesinha do quebra-cabeças, as peças voam pelo ar.

MARIA CLARA

MONSTRO!!!

DANIEL

E, se encher meu saco, o próximo bico é na tua bunda.

Daniel segue para o quarto.

CENA 36 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Na tela do computador, bombas explodem sobre Bagdá.

Daniel, no quarto, joga o mesmo jogo da cena 19. Seu avião sobrevoa a África, espantando uma manada de elefantes.

Batem na porta.

Antônio abre a porta. Tem na mão o envelope colorido.

ANTÔNIO

O lixeiro não veio hoje.

Daniel não responde, continua jogando sem olhar para Antônio. Antônio larga o envelope sobre a cama e sai.

Na tela do computador, o avião de Daniel ultrapassa a Europa, plaine sobre o Atlântico. Consegue chegar no Brasil. O mundo se destroi. Muitas estrelinhas na tela.

CENA 37 - ESCOLA/FRENTE - EXT/DIA

Lucas chega na escola, de manhã cedo. Tranca sua bicicleta, a primeira no estacionamento ainda vazio. Caminha em direção ao laboratório.

CENA 38 - ESCOLA/CORREDOR - EXT/DIA

No corredor, Lucas chega à estátua de Dom Bosco, ao lado da qual há uma samambaia. Coloca a mão no vaso, tateia, procura e não encontra a chave. Olha em volta, desiste. Dirige-se ao laboratório.

O laboratório está trancado, com a chave por dentro. Lucas espia por uma fresta em uma basculante. Uma cobaia come migalhas pelo chão.

Lucas pega um cartaz de trabalho de alunos da parede, coloca-o embaixo da porta e tenta empurrar a chave. A chave cai em cima do papel. Lucas puxa o papel cuidadosamente. Consegue pegar a chave. Abre a porta. Uma cobaia foge.

Lucas fecha a porta e corre atrás da cobaia pelo corredor. Persegue a cobaia que vai para o pátio interno. Uma FAXINEIRA desce uma escada externa em direção ao laboratório.

Lucas segue perseguindo a cobaia. Pega-a. Quando Lucas está voltando para o laboratório, a faxineira entra. Ela se detém, diante da bagunça e das cobaias que correm de um lado pra outro. Lucas congela.

FAXINEIRA (F.Q.)  
AAAAAhhhhhhhhhh!!!

Nas janelas das salas de aula que dão para o pátio surgem vários alunos atraídos pelo grito da faxineira. Outra faxineira se aproxima correndo da porta do laboratório. Lucas larga a cobaia no jardim, disfarçadamente. Dá meia volta e segue para a sala de aula, misturando-se aos demais alunos.

CENA 39 - ESCOLA/SALA DE AULA - INT/DIA

Lucas entra na sala de aula. Mim já está sentada e olha para Lucas. Lucas senta. Alguns alunos estão entrando, outros já estão sentados. Lucas começa a tirar seu material da mochila, cuidadosamente. Ele olha na direção de Mim.

Professor entra.

PROFESSOR  
Em cima da mesa apenas a caneta, um lápis e borracha. Mochilas, livros, cadernos, casacos aqui na frente. Não quero nenhuma folha de papel dentro da classe.

Professor entrega prova. Meninos e meninas colocam suas coisas no tablado em frente e voltam aos seus lugares. Lucas larga sua mochila com cuidado. Senta.

Daniel, com a camiseta do lado do avesso, entra na sala. Lucas olha para Daniel. Daniel vai direto para sua classe, sem olhar para Lucas. Daniel está sentado na segunda classe, ao lado da janela; Lucas, na quarta.

PROFESSOR

Mochila, casaco e livros na frente, Daniel.

Daniel tira caneta da mochila e larga o material na frente. Volta para sua classe sem olhar para ninguém, senta, baixa a cabeça e começa a fazer a prova. Lucas acompanha Daniel com o olhar. Olha para a janela. A cobaia corre no pátio.

Padre Eusébio abre a porta da sala, espera que todos olhem para ele.

PADRE

Lucas, me acompanhe, por favor.

Lucas hesita. Olha para Daniel.

PROFESSOR

Ele está fazendo uma prova.

PADRE

Tem tempo pra tudo.

Mim olha para Lucas. Lucas olha para Daniel. Daniel olha fixo para a prova.

PADRE (mais duro)

Vamos, Lucas.

Lucas obedece. Deixa a sala. Um murmúrio cresce entre os alunos. Mim olha para Daniel. Daniel fica preocupado, não olha para ninguém.

PROFESSOR

Silêncio! De volta à prova, por favor.

O silêncio volta a tomar conta da sala. Daniel não consegue se concentrar na prova. Ouve um barulho de vidros quebrados, olha pela janela.

No pátio interno, a faxineira joga o lixo num latão. Lucas desce a escada próxima ao laboratório ao lado de Padre Eusébio. A faxineira volta para dentro do prédio. Várias cobaias correm pelo pátio.

Um padre e um professor olham pela janela do laboratório. Padre Eusébio e Lucas estão em frente à porta do laboratório.

O padre fala sem parar, gesticulando, mas não ouvimos o que ele diz. Lucas, de cabeça baixa, não olha para o laboratório nem fala nada. O Padre e Lucas se afastam do Laboratório.

Daniel tem o olhar parado para fora da sala de aula.

Faxineira, na janela do laboratório, limpa uma gaiola. Um barulho de porta abrindo faz Daniel voltar a sua atenção para dentro da sala.

Padre Eusébio está na porta. Lucas entra, olha para Daniel. Daniel desvia o olhar, olha para a prova. Lucas olha para Mim. Mim olha para Lucas. Lucas pega seu casaco e cadernos, mas não pega a mochila. Sai.

Daniel olha para Lucas saindo, baixa a cabeça e continua a rabiscar a prova.

CENA 40 - ESCOLA/PÁTIO - EXT/DIA

No pátio, Daniel tenta tirar a tranca da bicicleta, apressadamente. Beto e outro menino também destrancam suas bicicletas.

BETO

Claro que foi ele. Ele que tinha a chave e foi o último a deixar o laboratório.

ALUNO 2

Ele não ia fazer isto.

BETO

Não sei por que vocês defendem tanto o Lucas.

Incomodado, Daniel vai embora com sua bicicleta.

Mim vem saindo pela porta principal do colégio, carregando duas mochilas (a sua e a de Lucas). Vê Daniel no pátio.

MIM

Daniel!

Daniel não olha para Mim e vai embora.

DANIEL

(para ele mesmo) Mil seiscentos e vinte e

um... mil seiscentos e vinte e dois ... mil  
seiscentos e vinte e três.

CENA 41 - RUA LATERAL DO CLUBE - EXT/DIA

Daniel sobe a lomba do clube, pedalando sem ânimo, igreja e colégio ao fundo.

CENA 42 - BEIRA DE RIO / PEDRA - EXT/DIA

Daniel está à beira do rio, olhar parado. Pega uma pedrinha chata e atira no rio, fazendo com que ela salte sobre a superfície da água duas vezes. Pega outra pedrinha, atira, desta vez ela salta três vezes.

Uma outra pedrinha é lançada por trás dele e salta sete vezes. É Mim. Ela senta ao lado de Daniel. Os dois ficam olhando o rio, em silêncio.

MIM

Suspenderam o Lucas da escola por um mês. Ele vai perder todas as provas, vai perder o ano. Padres filhos-da-mãe... Melhor se tivessem expulsado, pelo menos ele podia terminar o ano noutra escola. É muita sacanagem. (fala mais...)

DANIEL

Ele não pode perder o ano só por causa disso.

MIM

Pode sim. Falaram até que iam chamar a polícia.

Os dois ficam em silêncio. Daniel pega uma pedra grande e joga no rio, fazendo a água espirrar. Mim sorri. Silêncio.

DANIEL

Recebi uma carta do meu pai.

MIM

E por que ele te mandou uma carta?

DANIEL

Não é do Antônio, do OUTRO pai, do que tem o

mesmo nome que eu. Quer dizer, eu tenho o mesmo nome dele.

MIM

E o que ele quer?

DANIEL

Não sei. Não abri a carta.

MIM

Mas vai abrir?

DANIEL

Pra quê?

MIM

Sei lá, saber o que ele quer.

Daniel não responde nada. Os dois ficam olhando pro rio. Mim bota a mão em cima da mão de Daniel.

DANIEL

Dois mil quinhentos e vinte e nove.

Mim sorri. Os dois ficam em silêncio.

CENA 43 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/DIA

Daniel entra em casa. Larga a bicicleta e se dirige para o quarto. Maria Clara está recomeçando a fazer o quebra-cabeças.

MARIA CLARA

O monstro chega em casa e...

DANIEL

Eu te ajudo a remontar. Mas não vai ser agora.

Daniel entra no quarto. Maria Clara o observa, desconfiada. Volta para o quebra-cabeças. Antônio cruza a sala, dos quartos para a cozinha, com os braços cheios de roupa suja.

ANTÔNIO

Maria Clara, a Santa pra Dona Glória.

Maria Clara levanta, pega uma régua e sai em direção à mesa

sobre a qual está a Santinha. Com a régua, tenta tirar dinheiro da capela da Santinha.

Antônio cruza a sala novamente. Maria Clara faz de conta que está rezando. Antônio pega o controle remoto, tira o som da TV, vai em direção ao quarto.

Maria Clara volta a pegar a régua, enfia na abertura da capelinha. Consegue tirar uma nota de dois reais, guarda no bolso.

ANTÔNIO  
Maria Clara, a Dona Glória está esperando a santa.

CENA 44 - CASA DE Glória / SALA . INT/DIA

Sala da casa de Dona Glória, muitas gaiolas de periquito penduradas na parede. Dona Glória tira um fósforo de dentro do bolso do chambre e acende a vela da Santinha que está em cima de uma pequena mesa.

MARIA CLARA  
A Senhora acredita em Deus?

DONA GLÓRIA  
Claro.

MARIA CLARA  
E em milagre?

DONA GLÓRIA  
Todo mundo que acredita em Deus, acredita em milagre.

Maria Clara olha para a parede lotada de periquitos. Dona Glória fecha a capelinha da Santa e começa a dar comida para os periquitos. Maria Clara a ajuda.

MARIA CLARA  
A senhora pode me vender um só?

DONA GLÓRIA  
De casal eles ficam mais alegres e cantam mais.

MARIA CLARA  
Mas eu só tenho dois reais.

DONA GLÓRIA  
Te dou um desconto, qual tu quer?

MARIA CLARA  
(apontando) Aqueles dois lá de cima.

Dona Glória sobe num banquinho para pegar a gaiola. Maria Clara se aproxima dela para ajudar.

MARIA CLARA  
Lá em casa todo mundo diz que não acredita em Deus. Mas o meu pai sempre faz massa com tatu recheado quando tem Grenal e o Daniel vai pra escola de camisa virada quando tem prova. Isso não é acreditar em Deus?

DONA GLÓRIA  
Acho que é.

MARIA CLARA  
Eu acredito em Deus, Anjo, Diabo, Nossa Senhora e Chupa-cabra.

Dona Glória desce do banquinho e limpa a gaiola.

DONA GLÓRIA  
E como é que se reza pra Chupa Cabra?

MARIA CLARA  
Que nem se reza pra Deus. Eu rezo pra todos eles, um dia pra cada um. E um milagre já aconteceu.

DONA GLÓRIA  
Que milagre?

Dona Glória entrega a gaiola para Maria Clara.

MARIA CLARA  
O pai do Daniel vai voltar.

DONA GLÓRIA  
Vai voltar?

MARIA CLARA

Chegou uma carta dele. Pra quê que ele ia mandar uma carta se não fosse voltar?

Maria Clara tira do bolso a nota de dois reais e entrega para Dona Glória, que a coloca direto na capela da Santinha.

MARIA CLARA

Será que quem tira dinheiro da Santinha é castigado?

CENA 45 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Daniel no quarto. O envelope está sobre a sua cama. Daniel olha o envelope, considera. Olha para a tela do computador: a carinha lhe sorri. Hesita um pouco. Pega o envelope, olha. Em um canto, uma marca imitando um carimbo, com as palavras: ANTES QUE O MUNDO ACABE. Daniel olha novamente para o computador: e novamente a carinha feliz lhe sorri.

Daniel finalmente se decide, abre o envelope. Nele, além de uma carta, há algumas fotos. Daniel olha as fotos, estranha. Lê a carta.

DANIEL (V.S.)

"Aposto que você não esperava por essa, né?"

Daniel fica incomodado, atira a carta longe. Deita na cama. Olha a carta caída no chão, resiste. Desvia o olhar. Olha novamente. Se estica, pega a carta e recomeça a ler. Mas agora, a voz de Daniel pai vai se sobrepondo à sua.

DANIEL-PAI (V.S.)

Bem, por que estou escrevendo para você? Boa pergunta, e eu mesmo gostaria de responder, mas a verdade é que eu não sei.

Daniel confere uma das fotos. Uma floresta tropical. A luz penetrando pela copa das árvores imensas.

FUSÃO PARA

CENA 46 - FLORESTA - EXT/DIA

Em meio a uma floresta tropical, uma mão coloca filme na

câmara fotográfica, ajusta. Detalhes da floresta. Ruído de câmara disparando. O rio. Uma canoa passa, tipos orientais acenam para a câmara. Ruído de câmara disparando. Um grupo de trabalhadores rurais. Novo disparo de câmara.

DANIEL-PAI (V.S.)

Aqui estava eu, no meio de uma selva na Tailândia. Você sabe onde fica a Tailândia? A selva é um lugar muito pouco agradável, pode ter certeza. Sempre achei que selva não era para gente. Mas acontece que existe um monte de gente que mora aqui.

#### CENA 47 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel examina as fotos. Os rostos dos trabalhadores asiáticos. Eles trabalhando no meio da floresta, em plantações de arroz. Detalhes do trabalho que realizam. Vendedores da Índia, Vietnã, China. Vendedor de objetos típicos do oriente. Daniel olha uma das fotos com mais atenção, segue lendo a carta.

DANIEL-PAI (V.S.)

E, como meu trabalho é fotografar gente, eu vim pra cá. Quando eu era criança, tinha a mania de olhar fixamente para as coisas.

#### CENA 48 - CABANA - INT/NOITE

Um laboratório fotográfico improvisado. Pilhas de fotos e instrumentos de fotografia. Recipientes onde estariam os líquidos de revelação. Junto às fotografias, alguns origamis. Na penumbra, um homem fuma, observando a paisagem pela janela.

DANIEL-PAI (V.S.)

Ficava olhando, durante horas, achava que assim eu nunca ia esquecer aquilo. Acho que foi por isso que virei fotógrafo.

#### CENA 49 - FLORESTA, RIO - EXT/DIA

Ruído irritante de mosquito. Um homem, cujo rosto não vemos, dá um tapa no pescoço, matando o mosquito. Acaricia o pescoço

machucado.

DANIEL-PAI (V.S.)  
E cá estava eu, fotografando no meio dessa selva...

CENA 50 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel lê a carta.

CENA 51 - FLORESTA, RIO - EXT/DIA

Respiração ofegante. O sol brilhando intenso. Homens asiáticos carregam um homem branco numa rede.

DANIEL-PAI (V.S.)  
...e olha só no que deu. Malária, febre braba...

A floresta vista pelo homem que está deitado na rede em movimento. A copa das árvores altas. A luz penetrando através da folhagem.

CENA 52 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel retira do envelope algumas fotos que a princípio parecem desconexas. A ponta dos pés de um homem. Os joelhos. O umbigo.

Daniel vai colocando as fotos sobre a sua cama, armando uma espécie de quebra-cabeças com elas. As fotos vão mostrando um corpo humano deitado. Finalmente, Daniel coloca a foto que faltava - o rosto (que até então não tínhamos visto) de DANIEL-PAI.

É um homem de 45 anos, com a expressão doentia, barba por fazer, cabelos desgrenhados, que esboça um sorriso. Daniel olha aquele corpo reproduzido no chão.

DANIEL-PAI (V.S.)  
Me vi parado aqui, sem nada para fazer a não ser pensar na minha vida, no que enquadrei e no que deixei de fora.

CENA 53 - CABANA - INT/DIA

Agora vemos finalmente Daniel-pai, frágil, deitado na cama.

DANIEL-PAI (V.S.)

Olhe estas fotos. Você consegue ouvir o barulho nas fotos? Consegue ver a vida na selva, os cheiros, tudo?

CENA 53A - CABANA - INT/DIA

Daniel-pai coloca o rolo de filme na máquina. Rebobina o filme. Ajusta a lente, posiciona a câmara, enquadrando um ponto fixo à sua frente. Ele aperta o disparador. Fotografa a cabana. Seqüência de imagens da cabana formando uma espécie mosaico.

DANIEL-PAI (V.S.)

Já fotografei tudo que tinha para fotografar aqui dentro desta cabana. Pra passar o tempo, me conseguiram uma velha máquina de escrever e um bocado de papel. Sentei diante da máquina pensando no que escrever.

Sobre uma pequena mesa, uma máquina de escrever e um brinquedo óptico (foto com acetato). Daniel-pai coça o rosto tomado pela barba por fazer, coloca papel na máquina, reluta, começa a datilografar.

DANIEL-PAI (V.S.)

Ou melhor: pensando em para quem escrever. Eu sempre me preocupei com muita gente ao mesmo tempo e com ninguém em especial. Com quem eu me importo de verdade? Foi aí que eu lembrei de você. E fico aqui pensando: como será que você é? Pra que time será que você torce? Quem será o seu melhor amigo?

CENA 54 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Sentado na cama, Daniel está terminando de ler. Daniel larga a carta, pega as fotos sobre a cama, e olha pensativo - fotos de crianças brincando, grupos de amigos, futebol.

CENA 55 - RUA, FRENTE DA ESCOLA - EXT/DIA  
ELIMINADA

CENA 56 - ESCOLA/SALA COORDENAÇÃO - INT/DIA

O Padre Eusébio está sentado em frente à sua mesa, assinando papeis. A porta se abre abruptamente, e Daniel entra, afobado. Padre continua seu trabalho sem olhar para Daniel.

DANIEL  
Fui eu.

PADRE  
Entrar sem bater é pedir sem merecer.

Irmã Mirna entra na sala com mais um monte de papeis para o Padre assinar.

DANIEL  
Desculpa, mas eu preciso contar a verdade. Fui eu.

IRMÃ MIRNA  
Estas o senhor tem que assinar só a última e rubricar as outras.

Irmã Mirna pega as folhas já assinadas e sai para a sala ao lado, que é separada desta por uma divisória de vidro. De lá, Irmã Mirna fica observando Daniel com o canto do olho.

DANIEL  
Fui eu que fiz aquela bagunça no laboratório. Eu estava com raiva do Lucas... Era pra ser uma... vingança.

O padre continua fazendo seu trabalho sem dar importância à conversa de Daniel.

PADRE  
A vingança é um prato que se come frio.

DANIEL  
Pois é... O Lucas não tem culpa de nada, fui eu que fiz tudo.

PADRE  
Tudo o quê?

Padre Eusébio levanta e vai entregar os papéis à Irmã Mirna.  
Daniel continua falando.

DANIEL  
Quebrei os vidros. Soltei as cobaias... o Lucas tava com pressa e eu fiquei arrumando o laboratório pra ele. Eu passei mal, tive um ataque, estava muito... nervoso. Aconteceram muitas coisas, ao mesmo tempo... Não tenho muita explicação, tive um ataque, foi isso. Aí eu soltei as cobaias... E quebrei as coisas. O Lucas não tem culpa de nada.

O padre volta e olha para Daniel pela primeira vez.

PADRE  
Então onde está o computador?

DANIEL  
Que computador?

PADRE  
O computador portátil do laboratório.

DANIEL  
O laptop?

PADRE  
Sim, o laptop. Quem tirou de lá?

DANIEL  
Ninguém. Quando eu saí o laptop tava lá. Acho.

Padre volta a sentar em frente à sua mesa e indica que Daniel sente do outro lado.

PADRE  
Daniel, basta olhar para a tua cara para ter certeza que tu não roubaste o laptop. Tu sempre foste um menino muito generoso. Sempre defendeste o Lucas, mesmo quando ele não merecia. Amigo que não presta e faça que não corta, que se perca pouco importa. O Lucas tem que responder pelo que ele fez. E todos nós

sabemos que isto já era de se esperar. Pobre não é quem pouco tem, mas quem cobiça o muito de alguém.

DANIEL

Eu não tou mentindo. Eu fui o último a sair do laboratório.

Padre Eusébio levanta-se e volta para a sua cadeira.

PADRE

Então me devolve a chave.

DANIEL

A chave ficou na porta.

PADRE

Daniel, conta o caso como o caso foi: um ladrão é um ladrão e um boi é um boi. Quando a Dona Odete chegou, o laboratório estava fechado, não tinha chave por dentro, nem sinais de arrombamento. Quem entrou, tinha a chave.

DANIEL

Talvez eu não tenha fechado bem a porta.

Padre Eusébio senta-se e retoma seu trabalho.

PADRE

Muito bem, Daniel. Mesmo que parte da sua história, esse seu tal "ataque", fosse verdade, alguém roubou o computador.

DANIEL

O Lucas não ia fazer isto.

PADRE

Que isto te sirva de lição: ao amigo que não é certo, um olho fechado, o outro aberto.

DANIEL

O Lucas não é ladrão...

PADRE (ríspido)

O tempo é o melhor juiz de toda a causa. Não estamos acusando Lucas de nada. Se houve roubo

ou não, a polícia vai investigar e descobrir. Mas ele era o responsável pelo laboratório e o equipamento sumiu. E deve ser suspenso por isso. Agora pode ir pra sala de aula.

Daniel se dirige pra porta, pára.

DANIEL  
Justiça demorada, injustiça é.

PADRE  
O pior cego é aquele que não quer ver.

Daniel deixa a sala, arrasado.

CENA 57 - CASA DE DANIEL/SALA DE JANTAR - INT/DIA

Almoço. Toda a família ao redor da mesa. Daniel come sem muita disposição. Ninguém fala nada. Periquitos gritam muito, um barulho irritante.

ANTÔNIO  
(para Daniel) Me passa a salada.

Daniel passa a salada para Antônio. Todos continuam em silêncio. Só os periquitos perturbam o ambiente.

ANTÔNIO  
Pra salada tem que ser o tomate gaúcho. Este é pra molho.

ELAINE  
Só porque é o maior e mais bonito, tem que ser "tomate gaúcho". Isso é bem coisa de gaúcho.

ANTÔNIO  
Tem também a alface americana, a couve de Bruxelas...

MARIA CLARA  
Argh, couve...

ELAINE  
Mas a alface americana foi importada, não tinha aqui. Aliás continua não tendo. Quando o Seu Moacir tem alface lisa, já é muito bom.

MARIA CLARA  
"O" alface.

ELAINE  
O tomate, não. É igual em qualquer lugar. Em São Paulo ninguém chama tomate gaúcho ou tomate paulista. São todos simplesmente tomate, e, aliás, são todos produzido pelos japoneses.

Antônio não responde. Novo silêncio, quebrado apenas pelo som dos periquitos.

ELAINE  
Maria Clara, pelo amor de Deus.

MARIA CLARA  
(surpresa) mas foi a minha professora que disse que era "o" alface.

ELAINE  
Pode ser "o" alface. Mas tu devolve estes periquitos pra Dona Glória ainda hoje.

Maria Clara olha para Antônio como se pedisse socorro. Daniel levanta e sai. Os periquitos continuam cantando.

CENA 58 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Maria Clara entra no quarto de Daniel cuidadosamente, olha as fotos do pai de Daniel, separa duas, põe no bolso, lê a carta.

CENA 59 - PRAÇA - EXT/DIA

Lucas está andando de bicicleta nos caminhos que formam uma espécie de labirinto na praça central da cidade. Ao lado da praça, em frente à igreja, uma figueira.

Daniel tenta alcançá-lo, mas Lucas fica sempre desviando.

Daniel avança com mais velocidade, faz uma manobra e para na frente da bicicleta de Lucas, que é obrigado a frear bruscamente. Daniel encara Lucas.

DANIEL

Tem Apolo x Serraria, hoje às 4.

LUCAS

Eu sei.

Lucas desvia de Daniel e sai pedalando. Daniel o segue. Vão em direção à figueira.

DANIEL

Eu contei pro padre Eusébio que fui eu que quebrei as coisas.

Lucas segue pedalando em volta da figueira, evita olhar pra Daniel.

DANIEL

Mas ele não acreditou. A gente tem que fazer alguma coisa.

LUCAS

(sem olhar para Daniel) Não tem nada pra fazer.

DANIEL

A gente tem que descobrir quem roubou o laptop.

LUCAS

Deixa assim.

DANIEL

Tu vai perder todas as provas. Vai perder o ano.

LUCAS

Se eu passar no teste da escola técnica, eles não vão ter coragem de me rodar.

Daniel para, Lucas continua pedalando em volta da Figueira. E, agora, também em volta de Daniel.

DANIEL

Tu tem que voltar lá comigo e dizer que eu fiquei com a chave.

Lucas se afasta.

LUCAS  
Eu já devolvi a chave.

Daniel fica sem resposta. Lucas volta a pedalar em volta da figueira.

Os dois seguem andando de bicicleta sem falar nada. Silêncio.

DANIEL  
Tu não pode deixar assim, os caras te chamando de ladrão.

LUCAS  
Eles querem que eu seja o ladrão.

O sino da igreja toca. Daniel e Lucas se olham e saem pedalando rápido. Cruzam com o carteiro Barão na frente da igreja.

BARÃO  
Três a dois.

LUCAS  
Um a zero.

CENA 60 - BEIRA DO RIO - EXT/DIA

Daniel e Lucas sentados lado a lado, na beira do rio. Atiram bolinhas de cinamomo no barco das crianças, enquanto discutem.

DANIEL  
Por que tu não disse que tava com a Mim naquela noite?

LUCAS  
Para quem?

DANIEL  
Pro padre Eusébio.

LUCAS  
Ia ser sacanagem pra Mim.

DANIEL  
Ah, tá bom, mas sacanagem para mim, aí vale.

LUCAS  
Peraí, Daniel. Tu mesmo disse que vocês tavam dando um tempo.

DANIEL  
Então, UM TEMPO! Eu não disse que a gente tinha brigado.

LUCAS  
Nem te preocupa, não aconteceu nada entre a gente.

Daniel, pára e olha para Lucas.

DANIEL  
Não?

Lucas se defende de algumas bolinhas.

LUCAS  
Ah, só uns beijinhos.

Daniel vai para cima de Lucas. Os dois rolam no gramado. Chuva de bolinhas de cinamomo sobre eles.

DANIEL  
Filho da mãe.

Lucas, mais forte, se desvencilha e passa para cima, dominando Daniel.

LUCAS  
Filho da mãe é tu, que quebrou tudo e me deixou nessa enrascada.

DANIEL  
(vencido) É, foi mal.

Lucas solta Daniel e os dois voltam a olhar para o rio. Silêncio.

DANIEL  
Acertei em dez.

LUCAS  
Mentira, tu só acertou oito. Eu acertei doze.  
E aquela crespa, coitada. Levou quase todas.

Pausa.

LUCAS  
Ela gosta de ti, meu.

DANIEL  
A crespa?

LUCAS  
A Mim.

DANIEL  
Ah, tá bom. Gosta de mim, mas fica contigo.

LUCAS  
É, acho que ela gosta um pouco de mim, também.  
Pô, Daniel, ela tá confusa.

DANIEL  
Ah, coitadinha.

Pausa.

DANIEL  
Acertar na crespa é mais fácil. Cada bolinha  
na pequeninha que eu acertei vale por duas.

LUCAS  
Tá bom. Tu ganhou. (...) Mas eu não vou  
desistir.

DANIEL  
Da crespa?

LUCAS  
Não. Da Mim.

Lucas levanta e sai.

DANIEL  
Nem eu.

Lucas sai de bicicleta, Daniel segue olhando para o rio.

MIM (canta, V.S.)  
Minha mãe me falou  
Que eu preciso casar  
Pois eu já fiquei mocinha

CENA 61 - RUAS DA CIDADE/FRENTE DO PORÃO - EXT / ENTARDECER

Daniel pedala lentamente pelas ruas da cidade. Dá meia volta. Apressa a pedalada. Chega na frente do bar Porão. A bicicleta de Lucas está ali na frente, acorrentada a um poste. Daniel encosta sua bicicleta no poste ao lado.

CENA 62 - PORÃO - INT/NOITE

No palco do bar Porão, Mim ensaia, tocando violão e cantando em um microfone. Um rapaz dá as orientações para o outro que está em cima de uma escada, afinando um forte fecho de luz sobre Mim. Ao lado do palco uma banda espera com seus instrumentos.

Sem que ninguém o perceba, Daniel entra e senta no balcão, à frente do palco. Mim segue cantando a música "Beat Acelerado", da banda Metrô.

MIM (canta)  
Procurei um alguém  
E lhe disse: meu bem  
Você quer entrar na minha?  
Acontece porém  
Que eu não sei me entregar  
A um amor somente  
Quando ando nas ruas  
Fico só namorando  
E olhando pra toda gente

Coração ligado  
Beat Acelerado

Meu amor se zangou  
De ciúme chorou  
Não quer ficar mais ao meu lado  
E hoje eu sigo sozinha  
Sempre no meu caminho  
Solta e apaixonada..

Do palco, Mim percebe Daniel. Ela canta olhando para ele. Mas em seguida desvia o olhar para alguém que está atrás do biombo da entrada. Daniel olha. É Lucas, que também assiste ao ensaio. Daniel fica incomodado, levanta e sai.

CENA 63 - PORÃO, RUAS - EXT/NOITE

Daniel deixa o Porão, segue até o poste onde deveria estar sua bicicleta, mas no lugar dela só há a corrente, arrebitada e caída no chão.

Olha para um lado, nada. Olha para o outro, um menino, já longe, corre empurrando a bicicleta com um pé no pedal, outro dando impulso. Passa a perna sobre o ferro, pedala forte e dobra a esquina.

Daniel olha, impotente.

Cansado e frustrado, Daniel segue andando pela rua. A canção cantada por Mim atravessa toda a cena.

CENA 64 - CASA DE DANIEL/COZINHA - INT/NOITE

Antônio está lendo. Daniel entra na cozinha, abre a geladeira, pega uma garrafa de água, bebe no gargalo. Senta, deprimido.

ANTÔNIO  
O que foi? Aconteceu alguma coisa?

DANIEL  
Minha namorada está a fim do meu melhor amigo, que está sendo acusado de ladrão por minha causa, apareceu um outro sujeito que diz que é o meu pai e roubaram a minha bicicleta.

ANTÔNIO  
Neste caso, só há uma coisa a fazer.

Antônio larga o que está lendo. Bota o avental.

DANIEL  
O quê?

ANTÔNIO  
Pão.

Massa de pão sendo amassada com raiva.

ANTÔNIO  
Que mal o pão te fez?

Daniel sova a massa de forma mais suave.

ANTÔNIO  
E a Mim?

DANIEL  
Que é que tem a Mim?

CENA 65 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/NOITE

Maria Clara tira o som da TV para escutar a conversa. Com a mesa cheia de materiais, desenha e recorta alguma coisa.

ANTÔNIO (F.Q.)  
Ela tá bem?

DANIEL (F.Q.)  
Tá. Quer dizer, acho que tá... sei lá.

ANTÔNIO (F.Q.)  
"Sei lá" quer dizer que ela tá bem ou que tu é que tá mal?

DANIEL (F.Q.)  
Pode ser.

CONT. 64 - CASA DE DANIEL/COZINHA - INT/NOITE

Daniel e Antônio seguem fazendo a massa de pão.

ANTÔNIO  
"Pode ser" quer dizer que sim?

Daniel sorri.

ANTÔNIO  
Vocês brigaram?

DANIEL  
Sim e não. Não sei.

ANTÔNIO  
Peraí, agora eu não entendi. Sim ou não?

DANIEL  
Sei lá, a Mim é muito complicada.

ANTÔNIO  
Se as mulheres não fossem complicadas, que  
graça teria?

Daniel sorri.

ANTÔNIO  
Tá bom, ela é complicada. Mas e tu? Quem te vê  
falando pensa que tu é o cara mais resolvido  
do mundo.

DANIEL  
E não sou? A Mim uma hora quer, outra hora não  
quer.

CENA 66 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/NOITE

Maria Clara agora termina o brinquedo óptico que estava preparando: um taumatrópio, um disco de papelão com imagens recortadas e coladas: uma mulher com os lábios esticados para um beijo de um lado, um homem do outro. Esticando um cordão retorcido, Maria Clara faz o disco girar rapidamente: as duas figuras parecem se beijar.

Maria Clara tenta ouvir a conversa que vem da cozinha, mas o canto dos periquitos a impede. Ela larga o que está fazendo, levanta e coloca um casaco sobre a gaiola. Os periquitos param de cantar imediatamente.

ANTÔNIO (F.Q.)  
Compreensivo e ciumento.

CONT. 64 - CASA DE DANIEL/COZINHA - INT/NOITE

Daniel e Antônio seguem fazendo a massa de pão.

DANIEL

Eu, ciumento? Qual é!

Antônio acha graça. Escolhe as palavras.

ANTÔNIO

Quando eu entrei nessa casa pela primeira vez, teve um cara que me olhou de cima abaixo e me disse: "Tu não pode sair com ela, tu é muito feio."

DANIEL

Eu disse isso?

ANTÔNIO

E até que tu tinha alguma razão. Mas depois continuou enchendo o meu saco, para ver se me fazia desistir da tua mãe.

DANIEL

Eu era um pentelho...

ANTÔNIO

Um pentelho de quatro anos que declarou guerra contra mim. E eu aceitei é lógico. Apesar de feio, eu era bem maior e mais forte que tu. Achei que ia me livrar de ti, rapidinho. Mas aos poucos me dei conta que as tuas armas eram muito poderosas e que eu já não queria só a tua mãe. Queria fazer parte daquele mundinho de vocês. E mudei a estratégia.

DANIEL

E me conquistou pela barriga.

ANTÔNIO

Numa guerra vale tudo. Quem resiste a um pãozinho quente?

DANIEL

Não era difícil, né? Pra me livrar da comida da minha mãe, eu aceitava qualquer coisa.

ANTÔNIO

Pois é, depois da terceira fornada, ganhei a guerra.

Daniel, visivelmente frágil e emocionado, baixa a cabeça pra disfarçar e segue fazendo pão. Corta a massa e cria formas com a segurança de quem já fez aquilo muitas vezes. Faz pão em forma de tartaruga, outro em formato de boneco. Coloca feijão pra fazer de olho e vai colocando os pães prontos numa forma.

Daniel e Antônio terminam de colocar os pães nas formas e abafam para levedar. Antônio lava as mãos enquanto Daniel raspa o resto de massa com uma faca e faz a limpeza do balcão.

ANTÔNIO  
Que moleza, hein? E dizem que fazer pão é complicado. Complicado é mulher.

Daniel sorri. Os dois ficam em silêncio.

DANIEL  
(sem olhar para Antônio) Ter dois pais é que é complicado.

ANTÔNIO  
É, isso também.

Os dois, de novo, ficam em silêncio.

DANIEL  
O que tu acha desse Daniel aí aparecer assim... de repente?

ANTÔNIO  
Acho que temos que encarar, não acha? A tua vida inclui uma mãe, uma meia irmã, uma namorada confusa, um amigo que acusam de ladrão e dois pais. Tem opção?

DANIEL  
Tem. Continuar como tava.

ANTÔNIO  
Topo.

DANIEL  
Por que eu tenho que encarar um pai que não quis saber nada de mim? Um cara que nem sabe

quem é o meu melhor amigo, nem se eu gosto de futebol?

ANTÔNIO

Porque ele existe. E porque talvez as coisas não sejam tão simples assim.

DANIEL

Pode ser, não sei.

Daniel tira o avental e sai da cozinha.

#### CENA 67 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel, no computador, procura a Tailândia num localizador geográfico conectado à internet. Numa caixa de consulta, pesquisa a distância entre Tailândia e Pedra Grande. Não encontra. Tenta entre a Tailândia e Porto Alegre.

Daniel abre páginas e sites com informações e imagens sobre seu pai. Acha um site com dados e fotos. Anota um nome e um número de telefone num papel. Espalhados pela mesa: fotos, um Atlas, algumas revistas "National Geographic".

Uma batida na porta faz Daniel minimizar rapidamente o que pesquisava e abrir o MSN. Elaine entra no quarto com novo envelope.

ELAINE

Chegou mais uma.

Daniel não olha para a mãe. Silêncio.

ELAINE

Ponho no lixo?

DANIEL

(sem olhar para Elaine) Deixa aí.

Elaine deixa o envelope sobre a cama, olha para Daniel. Ele não reage. Elaine sai, fechando a porta.

Daniel abandona o computador e pega a carta. Abre. Tira dela fotos, um papel datilografado e um brinquedo ótico: um desenho em preto e branco sobre acetato. Daniel puxa o desenho conforme indica uma seta e uma foto surge por baixo

dando colorido ao desenho. Daniel sorri.

ELAINE (F.Q.)

Maria Clara, quando é que estes periquitos vão ser devolvidos pra Glória?

Daniel olha as fotos e lê a carta.

DANIEL-PAI (V.S.)

A malária é uma febre intermitente. Não dá tréguas. Passo a noite toda queimando e de manhã, quando acho que passou, ela volta mais forte ainda...

CENA 68 - CABANA - INT/DIA

Daniel-pai deitado na cama, enrolado numa manta, aparência debilitada, com compressas sobre seu rosto. O monge da cena 4 cuida dele, lhe dá remédios, troca suas compressas, entoa uma ladainha.

DANIEL-PAI (V.S.)

Só o que faço é tremer e suar, suar e tremer. Fico prostrado na cama o dia inteiro, então só me resta pensar... e lembrar de coisas que achava que tinha esquecido. Outro dia, pensando em você, me lembrei da sua mãe. Só que lembro dela quando ela tinha vinte anos e a gente se conheceu.

CENA 69 - CASA DE DANIEL/CORREDOR, QUARTO DE ELAINE, BANHEIRO - INT/DIA

Elaine discute com Antônio na sala. Ela anda de um lado para outro. Antônio pouco responde às provocações de Elaine. Do corredor, Daniel observa. Elaine entra e sai de seu ponto de vista, e Antônio está em algum canto da sala que Daniel não vê.

Daniel segue para o quarto da mãe, sorrateiramente. Vasculha as coisas dela. Numa gaveta, encontra uma caixa cheia de cartas, fotos, um álbum de fotografias Examina.

Finalmente, Daniel acha uma foto: é Elaine, mais jovem. Daniel admira a mãe, quase uma menina, bonita, sensual.

DANIEL-PAI (V.S.)

Deve haver alguma foto dela nessa idade... talvez eu mesmo tenha feito essa foto. Ela era muito bonita. Sua mãe continua uma mulher bonita? Ela tinha uma tatuagem com um ideograma chinês que significa "perseverança". A Elaine era uma garota muito perseverante. Perseverante significa, entre outras coisas, cabeça-dura e teimosa. E sua mãe, ainda é uma mulher perseverante?

Elaine entra no quarto, Daniel se esconde.

Ela segue para o banheiro, tira a roupa, entra no box.

Do quarto, Daniel espreita a mãe, curioso.

A silhueta da mãe, pelo vidro do box. Ela se banha. Ele tenta olhar a bunda dela, pelo vidro, mas o vapor o impede de ver. Ela termina a ducha, sai do banheiro, se enrolando na toalha. Daniel continua escondido, observando-a.

Ela segue para o quarto, abre o armário, escolhe uma roupa. Não percebe a presença do filho. Finalmente acha a roupa, começa a se vestir. Num dado momento, se desfaz da toalha, por alguns instantes fica nua para Daniel.

Ele vê a tatuagem, próxima a uma das nádegas. O ideograma chinês. Pelo espelho, enquanto se veste, Elaine finalmente repara na presença de Daniel. Se cobre, constrangida.

ELAINE

Que tá fazendo aí, Daniel?

DANIEL

Vim pegar umas fotos... É bonita esta tua tatuagem. Eu nunca tinha olhado pra ela direito.

ELAINE

Não vai me dizer que tá pensando em fazer uma tatuagem? Pelo amor de deus, Daniel, não inventa moda!

DANIEL

Por que tu decidiu tatuar logo "perseverança"?

ELAINE  
Como tu sabe...?

DANIEL  
Sabendo...

Daniel sai do quarto, levando a caixa das fotos antigas.  
Elaine, contrariada, termina de se vestir.

CENA 70 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Sentado na cama, Daniel agora observa fotos antigas num álbum.

Elaine grávida. Elaine no trabalho, expressão séria. Daniel bebê recém-nascido. Ele com o braço engessado.

Antônio mais jovem, quando começou a namorar sua mãe, os dois abraçados, jeito apaixonado. Os dois abraçados com a cabeça cortada (no que seria uma foto tirada por criança). Fotos da irmã pequena recém-nascida. A família reunida numa data festiva. Todos muito felizes.

Daniel observa aquelas fotos atentamente.

CENA 71 - CASA DE DONA GLÓRIA - INT/DIA

Fotos de pessoas tatuadas.

MARIA CLARA (F.Q.)  
Elas moram bem no norte da Tailândia e toda tribo é tatuada.

Maria Clara mostra fotos para Dona Glória. As duas estão sentadas na sala de Dona Glória. Os periquitos estão ao lado.

MARIA CLARA  
Estas não podem tirar o véu nunca, senão podem ser mortas. Nem o dedinho fica de fora.

CENA 72 - FOTOS EM TABLE-TOP

CENA 72A - CABANA - INT/DIA

Sequência de montagem com fotos e Daniel-pai em várias situações na cabana (na máquina de escrever, na janela fumando, fotografando, na varanda pegando sol)...

Uma série de fotos de mulheres muçulmanas, todas de véu. algumas cobertas da cabeça aos pés, de burka.

DANIEL-PAI (V.S.)

Sabe que no Islã é permitida a poligamia? Deve ser estranho ser mulher numa sociedade onde é permitido ao homem ter quantas mulheres quiser e puder sustentar. Mas imagina o contrário. Uma sociedade onde é a mulher que pode ter quantos maridos quiser?

As fotos mostram agora uma aldeia na Índia. Uma matriarca cercada por homens de diversas idades, e diversas crianças.

DANIEL-PAI (V.S.)

São as famílias poliândricas que vivem no norte da Índia, perto do Tibet. Vem de "poli", muitos e "andros", homem. Muitos homens. Você acha que esse costume ia ser bem recebido aí no Brasil? Consegue imaginar um gauchão de faca na cintura, sendo o terceiro ou quinto marido de uma prenda?

Outras fotos das mulheres indianas com seus muitos maridos, e os homens com um monte de crianças na volta. Elas dançando. Elas trabalhando. Aspectos dessa aldeia milenar.

Entre as fotos, imagens em vídeo dos personagens fotografados, olhando para a câmara, como se fosse o ponto de vista de Daniel Pai.

DANIEL PAI (V.S.)

Deve ser complicado para as crianças terem uma mãe e diversos pais.

Seguem novas fotos, intercaladas por imagens em vídeo. Elas mostram habitantes vestidos com roupas exóticas, morando em casas rudimentares, barbas longas, estranhos chapéus. Como se fossem seres do passado. Povos Tana toraja da Indonésia, Hmong da China, etc.

DANIEL-PAI (V.S.)

Essas pessoas parecem lembranças de um tempo

que se acabou, e no entanto estão vivas como eu e você em pleno século XXI. São hábitos, crenças, modos que existem há milênios e que resistem às mudanças, como se o passado recusasse a ser esquecido. E este é o meu trabalho, fotografá-los antes que tudo isto acabe.

Lavanderia a céu aberto na Índia: dez mil homens lado a lado lavando e batendo roupa. Crianças indianas com camisetas Nike. Um menino no interior do Vietnã tomando um refrigerante industrializado.

DANIEL-PAI (V.S.)

Qualquer dia um plantador de arroz do Vietnã, um garoto do subúrbio de Shangai, Pequim, de Los Angeles ou de Pedra Grande, todos vão ouvir a mesma música, vestir a mesma roupa, comer o mesmo tipo de fast-food, chorar com os mesmos filmes.

CENA 73 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel lê a carta.

DANIEL-PAI (V.S.)

Quando pequeno eu gostava de olhar uma fotografia e ficar imaginando o que tava acontecendo na volta.

Daniel examina as fotos de novo. Curioso, passa de uma foto para outra atentamente: fotos da floresta.

Numa rápida montagem de uma foto para outra, com luzes diferentes, sombras que mudam sutilmente, pássaros que se deslocam ou surgem, ou desaparecem, animam dando vida àquela floresta. A idéia de vida nas fotos é reforçada por uma aproximação das fotos fazendo com que suas bordas deixem de ser percebidas e uma sutil alteração do som ambiente que vai deixando de ser urbano para ser o som de uma floresta.

DANIEL-PAI (V.S.)

Hoje, quando eu fotografo, fico prestando atenção no que tou deixando de fora pra depois tentar lembrar de tudo.

CENA 74 - PRAÇA/FRENTE DA ESCOLA - INT/DIA

Daniel está sentado num dos bancos da praça, observa a escola atentamente, crianças e jovens entram.

Mim se aproxima por trás dele, sorrateiramente. Ela tapa os olhos de Daniel com as mãos, surpreendendo-o. Ele acaricia as mãos de Mim, reconhece, esboça um sorriso. Ela destapa os olhos dele. Eles ficam um tempo se olhando meio sem graça.

MIM  
Oi.

DANIEL  
(desviando o olhar) Oi.

MIM  
Trouxe um presente pra ti.

DANIEL  
Pra mim?

MIM  
Não, pra ti.

Mim entrega um CD com uma foto dela, Mim, na caixinha.

DANIEL  
Obrigado. É um joik.

MIM  
Um o quê?

DANIEL  
Joik. É uma música. Dos saamis.

MIM  
Uma banda?

DANIEL  
Não, os saamis são um povo, vivem na Lapônia, a terra do Papai Noel. Quando a criança nasce os pais dão pra ela um joik, uma música que é só dela. Quando cresce ela pode trocar de joik, ou ganhar outro do namorado. Ou namorada.

Silêncio. Daniel dá uma foto impressa num computador para Mim.

DANIEL  
Tenho um presente pra ti também.

MIM  
Pra mim?

DANIEL  
É, pra ti.

Mim fica olhando pra foto.

MIM  
Que bonita, é dos saamis?

DANIEL  
Não, são os Hmong.

MIM  
É do teu pai?

DANIEL  
Meu pai é o Antônio.

MIM  
Ihh, Daniel. Desencana. Um cara que faz essa foto não pode ser um completo babaca.

DANIEL  
Teve uma exposição dele em Porto Alegre.

Toca a campainha sinalizando o início da aula. Os dois ficam sem graça. Daniel se levanta.

DANIEL  
Valeu, Mim. Adorei o presente.

Mim levanta, dá um beijo em Daniel. Os dois ficam abraçados por um tempo.

MIM  
Alguém pode ganhar um joik de uma amiga?

DANIEL

Na Lapônia, não. Tem que ser da namorada.

MIM

Bom, nós não estamos na Lapônia.

DANIEL

É.

Campainha toca novamente. Os dois se dirigem para a porta principal da escola.

CENA 75 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/ENTARDECER

Daniel está no computador, ao seu lado diversas fotos de Daniel-pai e um papel com algumas anotações. Daniel está ouvindo o CD da Mim, no qual ela canta "Beat acelerado". Elaine entra no quarto. Daniel interrompe a execução do CD.

Elaine se aproxima de Daniel com um envelope na mão, percebe as anotações. Daniel, incomodado, coloca algumas fotos em cima das anotações. Elaine entrega o envelope a ele.

ELAINE

Mais uma.

Daniel pega o envelope, olha o remetente, não comenta nada, larga sobre a mesa.

ELAINE

E o Lucas?

DANIEL

O quê que tem ele?

ELAINE

Como ele está?

DANIEL

Bem... acho que tá bem. Pelo menos não precisa ir à aula.

Tempo. Daniel observa o novo envelope, mas não abre. A mãe continua parada ao seu lado. Daniel parece incomodado com a presença da mãe. Elaine pega uma foto e olha atentamente: é uma foto de um vendedor de brinquedos orientais parecidos com aqueles com que Maria Clara brinca. Silêncio.

ELAINE  
O que ele quer?

DANIEL  
Lucas?

ELAINE  
Não. Daniel. O que ele quer?

DANIEL  
Nada. Levou uma picada de mosquito e, pra passar o tempo, resolveu escrever pra alguém que tivesse o mesmo nome dele.

Elaine sorri.

ELAINE  
Daniel é um nome bonito.

DANIEL  
Era nome de algum personagem de novela?

ELAINE  
Não, Daniel é o nome de um profeta.

DANIEL  
(irônico) Ele deve ter sido muito legal contigo, pra tu dar o nome dele pro teu filho.

Silêncio.

ELAINE  
Eu gostava muito dele. E...

DANIEL  
Amanhã vou pra Porto Alegre.

ELAINE  
Fazer o quê?

DANIEL  
O Lucas vai fazer um teste, eu vou junto pra dar uma força.

Elaine pega o pedaço de papel com um nome e um endereço escritos: o nome é MARCELO LOPES.

ELAINE

Tu vai encontrar com o Marcelo?

Daniel, sem olhar para o papel responde como se aquilo não tivesse qualquer importância.

DANIEL

Acho que não.

ELAINE

Esse cara era um grande amigo do Daniel. Eles trabalhavam juntos.

Elaine larga o papel na mesa.

ELAINE

Eu devia ter falado mais dele pra ti...

DANIEL

Tou no lucro. Tinha um pai, agora tenho dois.

Elaine sorri.

ELAINE

Ainda bem que mãe só tem uma.

Elaine vai saindo do quarto. Antes de fechar completamente a porta, volta.

ELAINE

Como que vocês vão?

DANIEL

De ônibus. Vamos no das sete, voltamos no das seis.

ELAINE

Leva o meu celular. E não esquece de deixar ligado. E me avisa assim que chegarem em Porto Alegre.

DANIEL

Pode deixar.

Elaine vai fechando a porta novamente. Volta.

ELAINE

Mas não usa o celular na rua, e é melhor não ir de relógio e botar um tênis meio velho.

DANIEL

Tá bom.

ELAINE

Será que vocês vão saber andar em Porto Alegre sozinhos?

DANIEL

A gente se vira.

ELAINE

Cuida pra quem vocês vão pedir informação, não fiquem mostrando que são dois meninos bobos do interior.

DANIEL

Nós não somos dois meninos bobos.

ELAINE

Tem dinheiro?

DANIEL

(impaciente) Tenho.

Elaine faz menção de sair e volta.

ELAINE

Tu tem vontade de conhecer ele?

DANIEL

Ele mora na Tailândia.

ELAINE

Ah, é.

Elaine sai. Daniel solta o pause, música da Mim volta a tocar. Daniel abre novo envelope, dele retira uma nova carta.

MIM (cantando)

Meu amor se zangou

De ciúme chorou

Não quer ficar mais ao meu lado

E hoje eu sigo sozinha

Sempre no meu caminho  
Solta e apaixonada.

O sino da Igreja toca. Daniel olha para o computador: a carinha está triste. Dá a volta na cadeira. Olha para o computador: a carinha ainda triste. Fecha os olhos e aciona um brinquedo que faz correr uma bolinha por uma espécie de tobogã, quando a bolinha cai, ele abre os olhos e olha para o computador, a carinha sorri.

Daniel sai correndo.

#### CENA 76 - RUAS DA CIDADE - EXT/ENTARDECER

Daniel agora pedala com dificuldade numa bicicleta pequena, cor-de-rosa e com cestinha, claramente uma bicicleta de menina pequena. Pedala muito rápido pelas ruas da cidade.

Quando chega numa ponte perto do rio, um rebanho de ovelhas é tocado por um homem a cavalo, ocupando toda a estrada. Daniel, agoniado, tenta passar rápido mas não consegue.

#### CENA 77 - BEIRA DO RIO - EXT/ENTARDECER

Daniel pedala pela estradinha que acompanha o rio. Lá e baixo, o barco com as crianças passa.

Daniel chega na beira do rio: a pedra onde eles costumam ficar para jogar bolinhas nas crianças do barco está vazia. Daniel olha em volta, procurando.

Em cima da ponte pênsil, Mim e Lucas estão sentados de costas para Daniel. Daniel larga a bicicleta e se aproxima lentamente da ponte. Pisa na ponte cuidadosamente, mas não consegue evitar que ela se movimente. Mim o percebe.

MIM

O Seu Custódio não espera. Mas eu guardei umas pitangas pra ti.

Mim oferece pitangas para Daniel que, meio sem graça, se aproxima dos dois. Daniel senta ao lado de Mim. Os três ficam em silêncio.

DANIEL

(para Mim) Quer ir pra Porto Alegre amanhã?

MIM  
Fazer o quê?

DANIEL  
Enquanto o Lucas faz o teste pra escola técnica, a gente podia ir lá naquele museu ver se encontra mais alguma foto do meu pai.

MIM  
Pode ser.

#### CENA 78 - RODOVIÁRIA

Os três compram passagem.

MULHER DA RODOVIÁRIA  
Janela ou corredor?

Lucas e Daniel se olham, não respondem.

MIM  
Três corredores.

#### CENA 79 - ÔNIBUS

Daniel, Lucas e Mim nos dois primeiros bancos do ônibus com o banco bem deitado para trás e os pés no vidro que separa o motorista dos passageiros. Mim entre os dois. O ônibus está praticamente vazio.

DANIEL  
O que vocês diriam pro pai de vocês se encontrassem ele pela primeira vez?

MIM  
Oi.

DANIEL  
Só oi?

MIM  
É.

LUCAS

Eu perguntaria se ele é Apolo ou Serraria.

DANIEL

Mas se ele não fosse daqui?

LUCAS

Se é gremista ou colorado, Náutico ou Sport, Avai ou Figueirense... Sei lá, de algum lugar ele deve ser. Será que o teu pai é canhoto?

Daniel olha para os pés dos três apoiados no vidro. Os pés juntos, quase se encostando. Atrás do vidro, a estrada.

DANIEL (F.Q.)

Não sei... Vocês já ouviram falar em famílias poliândricas?

OS DOIS (F.Q.)

Quê?

CENA 80 - SEQUÊNCIA DE MONTAGEM / INT-EXT/DIA

Música. Daniel, Mim e Lucas descem do ônibus na rodoviária de Porto Alegre.

Escutam música numa loja de CDs.

Procuram alguma coisa numa livraria.

Tiram fotos no lambe-lambe da praça XV em diversos fundos, sempre os três juntos.

Andam pelas ruas movimentadas do centro de Porto Alegre.

E se divertem com as fotos.

Música continua. E os três continuam pelo centro. Pedem informações, seguem caminhando.

Em alguns momentos Mim está mais do lado de Lucas, em outros mais perto de Daniel.

Os três se divertem. Fazem um lanche.

MIM

Vocês sabem como fazer pra nunca acabar um copo de suco? (...) Toma sempre a metade do suco.

Mim demonstra sua teoria dividindo o suco em dois copos.

LUCAS

E pra não acabar um livro? (...) Nunca ler o final do livro.

Os três levantam e caminham em direção ao caixa. Daniel cochicha para os dois.

DANIEL

E como fazer pra não acabar com o dinheiro?

Daniel entrega o dinheiro ao SENHOR DO CAIXA.

DANIEL

O senhor sabe pra que lado fica a Usina do Gasômetro?

CAIXA

(apontando) Vocês têm que pegar a rua da Praia à direita e ir toda vida. No final é a Usina.

Daniel aproveita que o Caixa se vira em direção ao Gasômetro e põe três balas no bolso. Caixa se volta pra Daniel e lhe entrega o troco.

DANIEL

Obrigado.

Mim e Lucas fazem esforço para não rir. Os três saem da lancheria.

Já fora da lancheria, Daniel divide as balas com os outros dois, que riem muito. Os três seguem pela rua da Praia.

Última imagem da sequência: os três entram na Usina do Gasômetro.

CENA 81 - GASÔMETRO/DEPÓSITO DE UMA GALERIA - INT/DIA

Daniel, Mim e Lucas olham painéis de uma exposição já desmontada. Mim mostra uma foto com o nome de Daniel Vaz.

MIM

Tu consegue perceber quais dessas fotos são dele?

DANIEL

Até a semana passada eu mal lembrava que ele existia.

Os três separam um painel do outro. As fotos são todas em preto e branco, e mostram crianças em situações de guerra, miséria, sofrimento, mas não exatamente infelicidade. Mim olha atentamente para uma das fotos.

MIM

O que será que ela tava pensando na hora em que tiraram a foto?

Daniel se aproxima da Mim e olha pra foto.

DANIEL

O que será que ele tava pensando na hora em que tirou a foto?

LUCAS

Que horas tu vai encontrar o amigo do teu pai?

DANIEL

Às duas... A que horas é o teste?

MIM

Criança é tudo igual, em qualquer lugar, não é?

LUCAS

Duas e meia.

DANIEL

Nos encontramos no Viaduto da Borges às cinco e meia, então.

CENA 82 - BAR DO MERCADO PÚBLICO - INT/DIA

MARCELO LOPES, 45 anos, está sentado numa mesa de um pequeno bar, bebendo um "Cruzador Belgrano" (coquetel de Vodka com menta). Daniel chega.

MARCELO  
Mas olha quem tá aí, Daniel Vaz em pessoa.

DANIEL  
Oi.

MARCELO  
O que vai tomar? Um Cruzador Belgrano, claro.

Daniel senta.

DANIEL  
Não, obrigado, pode ser um suco de laranja.

MARCELO  
Suco de laranja? Assim tu nunca vais ser um jornalista.

DANIEL  
Eu não sou jornalista.

MARCELO  
Ô, Polenta! Traz um suco de laranja. (para Daniel) Mas certamente é canhoto e joga na ponta esquerda?

DANIEL  
Sou canhoto, mas não jogo muito bem.

MARCELO  
Como não joga muito bem? Teu pai foi o goleador do campeonato inter-sindical em oitenta e nove, fez quatorze gols em doze partidas. Aí resolveu cair fora e nós não ganhamos mais campeonato nenhum.

DANIEL  
Tu era amigo do meu pai há muito tempo?

MARCELO  
Como, "era"? Eu SOU amigo do teu pai há muito tempo. Trabalhamos juntos na Folha da Manhã. Quer um bolinho de bacalhau? É bacalhau de verdade. O melhor bolinho de bacalhau do mundo.

DANIEL  
Pode ser.

Marcelo faz sinal pro garçom.

MARCELO  
Ô Polenta, traz uma porção de bolinho de bacalhau. Até que ele se cansou de fotografar acidente de carro, filas do INPS, greve de ônibus. E resolveu virar herói internacional.

Garçom coloca o suco de laranja na mesa.

MARCELO  
E eu tou aqui... completando bodas de prata com o Cruzador Belgrano. Tim-tim.

Daniel saúda com o copo de suco.

CENA 83 - CASA DE MARCELO - INT/DIA

Um pequeno apartamento com muitos livros, pilhas de revistas e jornais. Uma escrivaninha com um computador e atrolhada de papeis e livros. Daniel olha tudo com curiosidade. Marcelo separa alguns livros, papeladas, toma café e vai falando sem olhar muito para Daniel.

MARCELO  
Cem mil dólares. Sabe o que é isto? O louco recusou um prêmio de cem mil dólares por "princípios éticos"! Ainda se fossem quinhentos... Piada!

Enquanto fala, Marcelo vai colocando coisas sobre os braços de Daniel, que não responde: um livro de fotografias de Daniel-pai, papeis que recolhe numa grande pasta amarela, fitas de vídeo cassete, catálogo de exposição, trofeus. Daniel fica encantado com tudo aquilo. Marcelo lhe dá também algumas coisas absurdas, como uma máscara mortuária.

MARCELO  
E pode levar isso aqui também.

DANIEL  
Era do meu pai?

MARCELO  
Não, mas pode levar.

Marcelo passa para Daniel uma velha câmara fotográfica Pentax, um tripé quebrado que fica com um pé sempre caindo.

MARCELO  
Isso aqui come gente. Acho que teu pai não precisa mais dela.

Daniel pega a câmara, com um certo receio. Coloca-a na mochila.

CENA 84 - DUQUE DE CAXIAS/VIADUTO DA BORGES - EXT/DIA

Daniel vem chegando apressado no viaduto da Borges, com sua mochila nas costas e carregando a pasta amarela que Marcelo lhe passou, o tripé com um dos pés sempre caindo... Mim está debruçada na balaustrada do viaduto olhando em direção ao Mercado Público. Lucas, de costas para a balaustrada, vê Daniel se aproximar.

Eufórico, Daniel já chega falando.

DANIEL  
Vocês têm que ver, o cara é um maluco. Me contou um monte de histórias do meu pai... Que uma vez meu pai se vestiu de árabe, botou turbante, aqueles panos todos e se misturou na multidão que estava em procissão pra Meca, só pra tirar umas fotos lá de dentro... E que isso é super arriscado, ele podia levar uma surra, se fosse descoberto, ou coisa pior... Mas ninguém desconfiou dele...

Daniel percebe que os outros dois não estão acompanhando o entusiasmo dele.

DANIEL  
O que foi? Como é que foi o teste?

LUCAS  
Os caras não me deixaram fazer o teste. Já tinham o meu histórico escolar e nem me deram a chance.

DANIEL

Eles não podem fazer isto.

LUCAS

Mas fizeram. O Padre Eusébio, além de me suspender, colocou a acusação no meu histórico.

DANIEL

Ele não pode fazer isto. Ele não tem prova nenhuma contra ti... E agora?

Lucas dá de ombros. Silêncio. Daniel olha no relógio.

DANIEL

Se a gente quiser pegar o direto tem que correr, faltam vinte minutos.

Mim vira-se e olha para Daniel.

MIM

(para Daniel) Eu e o Lucas não vamos voltar hoje.

Daniel fica mudo. Olha para Lucas, que dá de ombros outra vez.

MIM

A gente vai ficar na casa de uma prima minha. Amanhã de manhã a gente volta.

Daniel fica sem reação por um momento. Não diz nada.

CENA 85 - ÔNIBUS/ESTRADA - EXT/ENTARDECER

Daniel no ônibus voltando para Pedra Grande, sozinho. No banco ao lado, a mochila e a pasta amarela. Música. Daniel tem o olhar fixo para fora do ônibus. O ônibus vai abandonando a cidade, passa pelo muro do trensub, pela periferia e pega a estrada.

MARIA CLARA (V.S.)

O Universo tá desaparecendo. Dentro dele tem um negócio chamado entropia, que eu não tenho nem ideia do que seja, mas que é um pouco parecido com confusão.

CENA 86 - APARTAMENTO DA PRIMA/SALA - INT/ENTARDECER

Num pequeno apartamento do centro de Porto Alegre, com decoração funcional, sem muitos móveis e nenhum enfeite, Mim abre a porta lentamente. Não tem ninguém no apartamento.

MARIA CLARA (V.S.)

E tudo que acontece no Universo, mesmo que pareça calmo e tranquilo, tá sempre aumentando essa confusão.

Mim e Lucas entram, observando tudo. Lucas se interessa por um brinquedinho de metal. Impulsiona uma das alavancas do brinquedinho que faz uma bolinha girar sem parar.

MARIA CLARA (V.S.)

Isso eu já sabia, mas o que os cientistas descobriram é que essa confusão vai continuar crescendo, crescendo, crescendo...

Mim abre a janela. Um lindo entardecer do centro da cidade. Lucas se aproxima da janela, coloca as mãos no peitoril. Mim coloca a mão dela sobre a dele. Lucas dá um leve sorriso. O brinquedinho continua girando.

MARIA CLARA (V.S.)

... até que não vai caber mais confusão nenhuma em universo nenhum. Aí, sem confusão, não vai existir mais nenhuma estrela, nem o sol, nem a gente.

CENA 87 - ÔNIBUS - EXT/ENTARDECER-NOITE

Pela janela do ônibus, uma paisagem cada vez mais rural. Daniel permanece com o olhar vago, olhando sem ver a paisagem que passa pela janela.

MARIA CLARA (V.S.)

Só que os cientistas também dizem que a gente não precisa se preocupar com essa confusão toda por enquanto. E eu acho que eles têm razão. Mas vai tentar explicar isso pra um adolescente...

CENA 88 - APARTAMENTO PRIMA / COZINHA/SALA - INT/NOITE

Lucas prepara dois copos de achocolatado e duas torradas super incrementadas. Leva para a sala numa bandeja improvisada. Mim arruma uma grande cama na sala, como se fosse um acampamento em frente à televisão.

CENA 89 - RODOVIÁRIA DE S.PEDRO - EXT/NOITE

Um fusca cor de quindim bastante velho estacionado na rua, à noite. Dentro dele estão Beto, no co-piloto; TIJOLO, 18 anos, com a pele cheia de perebas, na direção; e CASCÃO, 17 anos, com grandes olheiras, no banco de trás. No rádio do carro, um funk muito bagaceiro.

Os três olham, na expectativa, para fora do carro. Pelas falas, percebemos que eles já estão bastante alcoolizados.

TIJOLO

Qualé, Beto! Não sai mais ninguém desse ônibus.

BETO

Calma, elas vão sair por último, pra não dar bandeira.

CASCÃO

Já saiu todo mundo. O ônibus tá indo embora.

Do outro lado da rua, o ônibus parado, a rodoviária vazia. O motorista sobe no ônibus.

BETO (F.Q.)

O Mijada me falou, ele já cansou de encontrar elas aqui: a Dulcinéia e a Fofa, sempre, todo domingo de noite; a Doispila, de vez em quando.

No fusca, Cascão se dá conta de alguma coisa.

CASCÃO

Encontrar elas aqui, quando?

BETO

Domingo de noite. Elas vão trabalhar nas

boates de Caxias no fim de semana, e voltam pra casa domingo.

CASCÃO

Mas hoje é sábado, imbecil!

TIJOLO

Hoje é sábado, idiota!

BETO

Caracas, hoje é sábado! Por que vocês não falaram isso antes?

O ônibus acelera, fazendo muito barulho. Beto se vira para o banco de trás.

BETO

Ô, Cascão! Me dá o "Senhor Wilson" aí.

Cascão, irritado, praticamente joga a garrafa de "Senhor Wilson" para Beto, que se atrapalha para pegar. É uma garrafa de refrigerante 2 litros com um "coquetel" dentro. O ônibus dá ré. Tijolo liga o carro. Beto olha para a rodoviária.

BETO

Calma aí, Tijolo. Segura o carro. Eu falei pra vocês que a gente ia ter diversão essa noite...

O ônibus sai, passando na frente deles. No único banco da rodoviária vazia (que antes estava escondido pelo ônibus), há uma pessoa sentada: é Daniel, com sua mochila e a pasta amarela. Tijolo estaciona o carro ao lado da rodoviária.

BETO (F.Q.)

Ô, Presunto! O que tu tá fazendo aí? Tá vindo de onde?

Daniel olha na direção do carro, mas não responde.

TIJOLO (F.Q.)

Garanto que tava em Caxias, na Holigrudi.

CASCÃO

Só se tava estudando na Holigrudi.

TIJOLO

Entra aí, Daniel. A gente te dá uma carona.

CENA 90 - APARTAMENTO PRIMA/SALA - INT/NOITE

Mim e Lucas estão lado a lado, sentados/ quase deitados no tapete da sala, com um cobertor até o peito. Tomam achocolatado, comem torradas, veem televisão.

Lucas coloca seu copo e prato na bandeja ao lado, tira o copo e prato de Mim. E começa a "desenhá-la" com o dedo. Faz todas as curvas do rosto e desce para o pescoço, ombro. Mim sorri e fecha os olhos.

BETO (F.Q.)

Ihh, isso tá com cara sabe de quê? "Olham" pra cara dele: o que é que ele tem? o que é que ele tem, hein?

CENA 91 - FUSCA QUINDIM - EXT/NOITE

No banco de trás do carro em movimento Cascão passa a garrafa de "Senhor Wilson" para Daniel. Daniel pega a garrafa e toma um gole.

BETO, CASCÃO E TIJOLO (EM CORO)  
DOR DE CORNO!

Daniel permanece impassível enquanto os três falam sem parar.

BETO

Cara, eu sei porque eu fiquei bem assim quando a Miriam me largou.

CASCÃO

A Miriam nunca foi tua namorada, Beto, como que ela pode ter te largado?

TIJOLO

Cara trovador...

Daniel continua sem reagir.

BETO (F.Q.)

Já sei. Ela foi contigo pra Caxias e tu voltou sozinho?

CASCÃO (F.Q.)  
Filha da mãe!

Daniel toma outro gole, não responde nem reage à versão que os três vão criando.

BETO (F.Q.)  
Tá, mas sozinha ela não ficou por lá.

TIJOLO  
Achou um gringo...

BETO  
... que já convidou ela pra comer um galeto...

TIJOLO  
...tomar uma graspa.

CASCÃO  
Filha da mãe!

BETO  
Olha aqui, eu não acredito! Tu deixou a tua namorada, em Caxias, com um Gringo filho da...?

CASCÃO  
Oh, Beto, respeita a mãe do gringo.

O carro freia, bruscamente. Daniel é jogado para frente.

Na praça central da cidade, o fusca quindim de Cascão está terminando de dar um cavalinho de pau. Em seguida, segue em outra direção.

Dentro do carro, Daniel, já meio alcoolizado, tenta dizer alguma coisa.

DANIEL  
A Mim não é minha namorada. E o Lucas...

BETO  
O Lucas? Tu perdeu aquela, humm ...

Beto imagina alguma coisa e se delicia enquanto pensa em algo delicioso.

CASCÃO (F.Q.)  
Uva madura.

TIJOLO  
Ameixa roxa.

CASCÃO  
Bala azedinha.

TIJOLO  
Amendoim doce.

BETO  
... praquele chinelão!

CASCÃO  
O Lucas é um filho da puta!

Daniel desiste de falar.

TIJOLO (F.Q.)  
Filho da puta e ladrão.

BETO (F.Q.)  
Filho da puta, ladrão e chinelão. Mas olha aqui: isso que a Mim fez contigo foi uma sacanagem muito pior do que se fosse um gringo, muito pior do que a sacanagem que a filha da mãe da Lucinha fez comigo.

Daniel pega a garrafa. Toma outro gole, faz uma careta.

TIJOLO (F.Q.)  
Não era a Miriam?

CASCÃO (F.Q.)  
Nem uma nem outra. Esse cara tá inventando.

O carro freia bruscamente de novo, agora jogando Daniel com ainda mais força em direção ao banco da frente, derramando a bebida.

Em outra rua da cidade, o fusca termina de dar outro cavalinho de pau.

CASCÃO (F.Q.)

Pô, Daniel! O Senhor Wilson não!

O fusca segue em outra direção.

Dentro do carro, Daniel, atrapalhado, tenta pegar a garrafa no chão. Em vez disso, encontra a pasta amarela. Tenta limpar ela com a manga da camisa.

BETO (F.Q.)  
Olha aqui, tem outra garrafa ali atrás...

TIJOLO (F.Q.)  
Aonde?

CASCÃO (F.Q.)  
Eles já tinham ido juntos pra Caxias?

BETO (F.Q.)  
Ali no... bosta, não é mata-moscas, no...

CASCÃO (F.Q.)  
Eles tinham combinado sem tu saber?

BETO (F.Q.)  
No tira-manchas, não... Putz, como é o nome desse negócio?

CASCÃO (F.Q.)  
E tu achou que tudo bem?

TIJOLO (F.Q.)  
O porta-malas?

BETO (F.Q.)  
Cacete! Ô, Cascão, pega a bosta da outra garrafa na merda do buraco do porta-malas.

Daniel tem que dar espaço para que Cascão se vire, se ajoelhe no banco e pegue a garrafa no porta-malas.

TIJOLO (F.Q.)  
Essa guria é uma vaca mesmo!

CASCÃO (F.Q.)  
Vaca, cachorra, vadia, sem-vergonha!

Cascão passa a garrafa para Daniel. Neste momento, o carro

freia de novo, agora violentamente, fazendo muito barulho. Daniel derruba a outra garrafa.

Na rua, o carro está batido de frente num latão de lixo.

#### CENA 92 - APARTAMENTO PRIMA/SALA - INT/NOITE

Mim e Lucas se beijam com desejo, meio atrapalhados. Lucas esbarra na bandeja, derruba os copos. Lucas levanta apressado para limpar. Mim ri e puxa ele de volta.

#### CENA 93 - TORRE DA IGREJA - EXT/NOITE

Daniel, sentado com as costas em uma parede, termina de virar o último gole de uma garrafa de bebida. Passa a garrafa para Cascão, sentado ao seu lado. Ao fundo, Beto canta um funk bagaceiro, enquanto Tijolo discursa, imitando um apresentador de programa de TV "mundo cão".

BETO (F.Q.)

Mulher é tudo égua, a gente tem que montar...

TIJOLO (F.Q.)

Ela sabia, ela sempre soube que este homem era apaixonado por ela. Ele deu a ela os melhores dias de sua curta vida.

Daniel fecha os olhos, completamente tonto. Tijolo tenta beber, mas a garrafa está vazia. Tijolo joga a garrafa vazia em direção a uma abertura à sua frente. Mas a garrafa parece se projetar no vazio. Só então Daniel percebe onde está.

DANIEL

Como é que a gente veio parar aqui?

TIJOLO

(sem prestar atenção) Aqui onde?

Só agora vemos que os quatro estão sobre a torre da igreja, ao lado do sino. Daniel e Cascão estão sentados. Tijolo, com um falso microfone na mão, continua apresentando seu "programa". Beto improvisa uma coreografia bagaceira para acompanhar o funk.

BETO

Ela vai querer mandar, ela vai querer mandar...

CENA 94 - FRENTE DA CASA DE DANIEL - EXT/NOITE

O fusca cor de quindim se afasta, fazendo muito barulho, descobrindo Daniel, parado, na frente da sua casa, com a mochila nas costas e a pasta amarela na mão, e ainda o tripé quebrado com um pé sempre caindo.

Daniel olha pra um lado, pro outro e começa a tatear os bolsos, à procura da chave de casa.

CENA 95 - CASA DE DANIEL/SALA/CORREDOR - INT/NOITE

Daniel chega em casa trôpego, arrasado, com a mochila e o material do pai na mão. Na sala, Maria Clara segue na montagem do quebra-cabeça.

MARIA CLARA

Chegou meu meio-irmão, que era monstro e agora...

Maria Clara olha pra Daniel. Daniel abre um sorriso exageradamente falso. Maria Clara pega o controle remoto e tira o som da TV. Daniel fecha a cara novamente.

MARIA CLARA

... tá muito esquisito.

Daniel segue para o banheiro.

De dentro do banheiro, escuta-se Daniel falando. Depois barulho de água. Maria Clara espantada.

DANIEL (F.Q.)

Merda, merda, merda!

Maria Clara resolve conferir. Vai até a porta. Bate. Daniel não responde. Ela resolve gritar.

MARIA CLARA

Ficou louco, Daniel?

DANIEL

Louco... só se for de amor!

Daniel sai do banheiro com o rosto e a camiseta toda molhada. Tem o cabelo todo bagunçado. Algumas lágrimas mal secas no rosto. Ele caminha trôpego em direção à irmã. Maria Clara desvia, deixando-o passar. Acompanha-o sem entender o que está acontecendo.

DANIEL  
Clarinha, nunca te apaixona por mulher nenhuma.

MARIA CLARA  
Eu, hein?

Maria Clara retoma a montagem do quebra-cabeças sentando no chão ao lado de Daniel.

DANIEL  
É horrível. É a pior coisa que pode acontecer com uma pessoa.

MARIA CLARA  
Ih, Daniel, que bafo...

Daniel se atira no sofá.

DANIEL  
O amor é uma droga! o amor é...

Não consegue completar a frase, se levanta do sofá e vai correndo de volta ao banheiro.

MARIA CLARA  
Ai, Daniel, que nojo!

CENA 96 - CASA DE DANIEL/BANHEIRO, CORREDOR - INT/NOITE

Debruçado na privada, Daniel vomita.

DANIEL  
Tou morrendo... Maria Clara, pelo amor de deus, chama uma ambulância...

MARIA CLARA (F.Q.)

Eu não!

CONT. CENA 95 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/NOITE

Maria Clara monta seu quebra-cabeças.

MARIA CLARA

(falando pra si mesma) Quero mais é que tu morra!

DANIEL (F.Q.)

Chama logo, pô! Eu tou morrendo.

Maria Clara levanta e vai até o banheiro.

CONT.CENA 96 - CASA DE DANIEL/BANHEIRO, CORREDOR - INT/NOITE

Maria Clara chega à porta do banheiro. Fica impressionada com o que vê.

MARIA CLARA

Ih, Daniel. Acho que tu tá morrendo mesmo. Vou ligar pra mãe.

Maria Clara vai até a sala, disca com o telefone sem fio. Volta ao banheiro. Daniel tenta se erguer, não consegue, sente novas ânsias, retorna à privada e vomita, ruidosamente.

MARIA CLARA

Tá fora de área. Não morre ainda, Daniel, por favor. Não quero ficar sozinha com um morto dentro de casa.

Daniel, já cansado, senta ao lado da privada. Os espasmos continuam. Maria Clara consegue completar a ligação.

MARIA CLARA

Mãe, o Daniel tá morrendo. Tá dando aqueles pulos que o Dico deu antes de morrer... Chegou, né mãe... Não sei... Tá.

Desliga o telefone.

MARIA CLARA

Ela tá aqui em frente de casa. (Tapando o

nariz) Tu já tá ficando podre.

Elaine surge apressada pelo corredor, acompanhada por Antônio. Ao ver o filho debruçado na privada, se assusta.

ELAINE

Daniel! Onde é que tu tava? O que aconteceu?

MARIA CLARA

Ele já chegou assim esquisito.

Elaine tenta levantar o filho, não consegue. Antônio se aproxima, preocupado. Troca um olhar cúmplice com Elaine. Toma conta da situação.

ANTÔNIO

Prepara um chá de boldo bem forte! (para Maria Clara) E tu ajuda a tua mãe.

Elaine sai, acompanhada de Maria Clara. Antônio olha o garoto caído. Arregaça as mangas da camisa, ergue Daniel. Leva-o para dentro do box. Abre a ducha. A água atinge forte o rosto de Daniel. Ele resmunga e se debate, mas está muito fraco para opor qualquer resistência.

CENA 97 - APARTAMENTO PRIMA/SALA - INT/NOITE

Lucas e Mim deitados, cobertos, assistindo televisão.

LUCAS

Onde vão parar os balões a gás?

MIM

Não sei.

LUCAS

Quantos balões a gás tu já viste subindo?

MIM

Muitos.

LUCAS

E quantos já viste caindo?

MIM

Nenhum.

LUCAS  
Então?

CENA 98 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel está deitado. Antônio se aproxima com uma xícara. Ajuda o garoto a beber. Ele recusa, mas Antônio insiste. Ele bebe, numa careta.

DANIEL  
Ainda bem que ninguém me fotografou, assim pode ser que eu esqueça este dia.

ANTÔNIO  
Então eu vou fotografar pra ver se tu nunca esquece.

DANIEL  
Tu nunca tomou um porre?

ANTÔNIO  
Na tua idade, não. Boa noite.

Apaga a luz e deixa o quarto. Mas Daniel não consegue dormir. Ele finalmente chora. Tenta dormir, não consegue.

Abandona a cama, vai até a escrivaninha, liga o computador. A luz do computador fere seus olhos, mas ele escreve. Na tela, o início da carta sendo escrita:

DANIEL,

O cursor volta e apaga. Daniel pensa e escreve novamente:

PAI, TU É CANHOTO?

O cursor volta e apaga o fim da frase que é reescrita:

PAI, TU JÁ TOMOU UM PORRE?

Daniel olha pra tela. Novamente o cursor apaga a frase. Daniel escreve novamente. Na tela do computador:

PAI, POR QUE

Daniel fica um tempo olhando para a tela do computador. Mas não chega a completar a frase.

CENA 99 - CABANA - INT/NOITE

Sentado na cama, Daniel-pai tem nas mãos uma carta aberta. Daniel-pai se ergue da cama, caminha com fraqueza até a janela. Chega à janela, olha a paisagem. Tudo parece calmo.

Ele procura nos bolsos um maço de cigarros, acha um último cigarro, acende e fuma. Daniel-pai se volta pra mesa e prepara uma máquina digital sobre um tripé. Senta na frente e começa a falar.

DANIEL-PAI

Eu não te abandonei, Daniel. Se abandonei alguma coisa, foi uma vida. Deixei tanta coisa pra trás que nem sei por onde começar. O que eu fiz foi uma escolha, a minha escolha. Não me arrependo. Acho que não me arrependo... mas sinto muito.

CENA 100 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

Daniel, de pijama, olha as coisas que Marcelo lhe deu. Abre uma caixa. Muitas fotos. Fotos de modelos. Fotos de Elaine.

DANIEL-PAI (V.S.)

Eu não aguentava mais fotografar para vender jornal ou sabonete. E decidi largar tudo e sair fotografando o que fizesse diferença pra humanidade, ou sei lá pra quem.

Elaine com 18 anos. Ela posa e sorri para a câmara. Estouro do flash. Som de porta abrindo.

DANIEL-PAI (V.S.)

Foi mais ou menos nessa época que eu conheci a tua mãe. Ela era linda e eu a convenci de posar pra eu fotografar. Bom jeito de conquistar uma menina, não acha?

Sequência de fotos de Elaine. No começo, fotos posadas de anúncio, que aos poucos vão virando fotos mais íntimas, domésticas. O sorriso de Elaine vai mudando também: no começo

o sorriso colgate típico de modelo, depois o sorriso cúmplice de alguém íntimo e apaixonado. Som de fotos sendo tiradas muito rapidamente.

ELAINE (F.Q.)  
Posso entrar?

Sequência de fotos muito de perto de Elaine jovem acordando, sorrindo. As fotos são vistas na ordem em que foram tiradas, e com um ritmo cada vez mais rápido, criando a sensação de movimento.

Os enquadramentos das fotos vão ficando mais abertos. Elaine jovem de calcinha e camiseta deitada numa cama no chão de um apartamento quase vazio, apenas alguns livros e posters. Numa parede perto da cama, muitas fotos de Elaine numa passeata de estudantes: "fora Collor". Elaine levanta, se aproxima da câmara empurrando o fotógrafo para fora do quarto e fecha a porta.

No quarto de Daniel, Elaine olha as fotos enquanto fala. Conforme as fotos que vê, ela vai lembrando de coisas, mas numa ordem um pouco aleatória.

ELAINE  
Daniel nasceu com uma máquina pendurada no pescoço.

DANIEL  
Quem, eu?

ELAINE  
Não, teu pai.

CENA 101 - CABANA - INT/NOITE

Daniel-Pai arruma a câmara fotográfica digital mais uma vez. Novo arquivo. Continua gravando seu depoimento.

ELAINE (V.S.)  
Ele acreditava que ia mudar o mundo com uma máquina de fotografia e um monte de negativo preto e branco.

DANIEL-PAI  
Uma agência francesa me chamou para cobrir os

conflitos entre árabes e israelenses. Aceitei na hora. Era a minha chance de chegar mais perto. Liguei pra Elaine pra contar a novidade, mas ela também tinha uma novidade.

CENA 102 - VIADUTO DA BORGES/DUQUE DE CAXIAS - EXT/DIA

Fotos de Elaine jovem se aproximando do viaduto da Borges. Elaine triste.

ELAINE (V.S.)

Eu podia ter ido com ele. Estava apaixonada, e não era um momento muito bom pra se viver no Brasil.

CENA 103 - CABANA - INT/NOITE

DANIEL-PAI

Elaine me disse que estava grávida e que estava decidida a ter o filho.

CENA 104 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/NOITE

ELAINE

Mas eu tava grávida. E não queria que meu filho crescesse sem uma casa e no meio de um monte de bomba.

CENA 105 - VIADUTO DA BORGES/DUQUE DE CAXIAS (flashback)-  
EXT/DIA

Elaine jovem e Daniel-pai jovem em cima do Viaduto. Elaine, de costas, debruçada na balaustrada, olha pra baixo. Daniel olha pro outro lado. Carros passam na frente deles. A cada carro que descortina a cena, Daniel-pai e Elaine estão em posição diferente. Depois da última cortina, Elaine está sozinha na balaustrada do viaduto.

DANIEL-PAI (V.S.)

Eu expliquei a ela que não tinha nada contra ter filho, mas que tinha absolutamente tudo contra ser pai. Pelo menos naquele momento.

CENA 106 - CASA DE DANIEL / QUARTO - INT/AMANHECER

ELAINE

Num dia eu tava apaixonada, cheia de planos, no outro eu tava sozinha, sem emprego e com um filho na barriga.

CENA 107 - Table top

Daniel olha umas fotos de guerra. Sons de guerra se misturam com choro de criança.

DANIEL-PAI ( V.S.)

Entenda, meu filho, eu estava indo para o Oriente Médio. O pau comendo, bala voando de tudo que é lado, bombas explodindo. Um fotógrafo não pode ter medo.

CENA 108 - CABANA - INT/DIA

Daniel-pai continua gravando seu depoimento para a câmara.

DANIEL-PAI

Um pai não pode deixar de ter medo. Que pai pode suportar a idéia de ter um filho órfão? Eu não podia ser pai, Daniel.

CENA 109 - RUÍNAS - INT-EXT/DIA

Daniel-pai tira fotos freneticamente. Tiros, explosões, sirenes, fumaças de poeira. Daniel tenta se proteger contra uma parede. Termina um rolo, troca, recarrega a câmara como se fosse a munição de uma arma. Nervosismo e excitação. Segue fotografando.

Somente agora vemos o que ele fotografava: dezenas de corpos empilhados, abandonados numa vala comum. Ou um único corpo esfaqueado. Ou uma criança assustada no meio de um tioteio. Daniel fotografa.

Daniel para de fotografar e olha em volta. Somente agora parece se dar conta do que está fotografando.

CENA 110 - CASA DE DANIEL / QUARTO - INT/AMANHECER

ELAINE

Eu não pedi que ele ficasse. Seu pai seria muito infeliz aqui. Eu seria muito infeliz fora daqui. E eu achava que ele ainda ia voltar.

CENA 111 - HOSPITAL - INT/DIA

Daniel-pai atravessa os corredores de um hospital improvisado. Chega à porta de uma enfermaria. Daniel ergue a câmara, se prepara para fotografar, se detém. São crianças feridas, assustadas. Daniel abaixa a câmara. Dá uma última olhada nas crianças. Sai.

DANIEL-PAI (V.S.)

Em Angola, Daniel, vi escolas onde poucas crianças tinham as duas pernas. Todas as outras tinham as pernas amputadas por uma mina. daquelas que explodem quando a gente pisa. E que podem estar em qualquer lugar. Que você acha disso? Você vai jogar bola, vai ao supermercado comprar leite, ou vai na casa da namorada e dá azar, pisa onde não devia.

CENA 112 - CABANA - INT/NOITE

Daniel-pai continua gravando.

DANIEL-PAI

Teu pé ou tua perna vai para os ares. E a agência me pressionando porque os jornais precisavam destas fotos pra edição do dia. E de repente me dei conta que de novo eu tava fotografando pra vender mais jornal. Que ninguém tava realmente preocupado com aquelas crianças. Que o futuro delas não dependia das minhas fotos.

CENA 113 - HOSPITAL - INT/DIA

Daniel-pai abandona o hospital.

DANIEL-PAI (V.S.)

Disse para a agência que, se quisesse as fotos, mandasse outro. Pensei até em desistir da fotografia, mas ia ser impossível. Não sei fazer outra coisa. Estava numa encruzilhada.

CENA 114 - CASA DE DANIEL / QUARTO - INT/AMANHECER

Elaine vai até a janela aberta. Os funcionários da fábrica da madeireira já estão chegando e largando suas bicicletas em frente à sua casa. Elaine observa os funcionários. Seu João, atrasado, larga a bicicleta correndo e entra na fábrica.

DANIEL

Por que tu nunca me disse que ele me mandou um presente?

ELAINE

Foi muito tempo esperando... e tu ainda acreditava em Papai Noel.

Daniel sorri.

CENA 115 - TEMPLO BUDISTA - EXT/DIA

Templo budista. Alguns monges rezam no lugar. Daniel-pai, mais envelhecido, entra no templo, a câmara fotográfica pendurada no pescoço. Acomoda-se num canto e apenas observa. Os monges parecem ignorá-lo.

DANIEL-PAI (V.S.)

Foi quando eu resolvi criar este projeto, "Antes que o mundo acabe". Isso me fez seguir vivendo.

Uma criancinha brinca perto de Daniel. Ele repara na criança. Ela sorri para ele, amistosamente. Ele a enquadra e, finalmente, fotografa.

CENA 116 - CASA DE DANIEL / QUARTO - INT/AMANHECER

Os portões da fábrica são fechados. Elaine fecha a janela.

ELAINE

Agora vai dormir. O dia já amanheceu.

Elaine dá um beijo em Daniel, sai do quarto. Daniel olha o teto, pensativo. Seus olhos começam a fechar de sono.

CENA 117 - APARTAMENTO PRIMA / PORTO ALEGRE - INT/DIA

Lucas abre a janela do apartamento. Olha em volta. A luz da manhã ilumina os diversos prédios de apartamento que ele consegue enxergar. Uma vista completamente urbana. Atrás dele, Mim levanta e vem até a janela.

LUCAS

Acho que é bom morar numa cidade onde ninguém sabe quem tu é.

MIM

Talvez. Vamos embora, se não a gente só vai pegar o pinga-pinga.

Mim volta para dentro do apartamento e começa a arrumar a cama. Lucas fica olhando para a cidade.

CENA 118 - CASA DE DANIEL / QUARTO - INT/DIA

Em seu quarto, Daniel pega a câmara fotográfica que Marcelo lhe deu. Tira várias fotos de seu quarto: o computador, os pôsteres, as roupas no chão. Na parede, uma espécie de colagem com as fotos de Daniel-Pai, formando um autorretrato fragmentado e com proporções incoerentes.

DANIEL (V.S.)

Pai, espero que tu estejas bem, que a febre tenha passado. Eu não tenho muita coisa pra te mandar, apenas umas fotos que fiz, olhando as coisas aqui ao redor, na minha cidade.

Daniel pendura a máquina no pescoço e sai.

CENA 119 - CASA DE DANIEL/SALA - INT/DIA / FOTOS EM TABLE-TOP

Maria Clara, no sofá, olha pra Daniel e faz uma careta. Uma sequência de fotos: Maria Clara sorrindo, simpática.

Novamente, fazendo uma careta. Som da cena.

DANIEL (V.S.)  
Essa é minha irmã, Maria Clara...

MARIA CLARA  
Meio-irmã!

DANIEL (V.S.)  
... às vezes tenho vontade de estrangular...  
mas só a metade das vezes...

Elaine em alguma situação doméstica.

DANIEL (V.S.)  
Lembra dela? Continua bonita como antes?

Antônio, na cozinha, preparando pão.

DANIEL (V.S.)  
Antes que tu fique animadinho com minha mãe,  
informo que este bonitão aí é o dono do  
coração dela. Sem chances.

CENA 120 - CIDADE - EXT/DIA

Daniel caminha pela cidade e fotografa. Ruas da cidade, loja de bicicletas, ... Os mesmos lugares por onde ele passou outras vezes agora são vistos de forma mais atenta.

DANIEL (V.S.)  
Essa é minha cidade. Não mudou muito desde a última vez que tu viste, eu acho. Já era o Lelo que arrumava as bicicletas? Uns acham ela feia, outros acham fria. Eu gosto daqui. Mas, no ano que vem, tenho que ir embora. Todo mundo vai embora quando termina a oitava série. Quer dizer, todo mundo que pode...

Daniel, parado de pé na rua, observa uma foto que tem na mão esquerda. Com a direita, aponta sua câmara para fora de quadro, volta a conferir na foto. Dá dois passos para a frente, um para o lado, confere novamente a foto na mão. Finalmente, fotografa.

CENA 121 - ESCOLA/VÁRIOS AMBIENTES - INT-EXT/DIA

Daniel observa a escola pelo visor da câmara. As escadas. O piso. Detalhes do prédio. Os colegas descendo a escada. Os professores, flagrados distraidamente.

DANIEL (V.S.)

E essa é a minha escola... Eu passei tanto tempo aqui que nem presto mais atenção no que ela tem de bonito ou de feio.

Mim desce a escada. Daniel a enquadra. Mim se aproxima da câmara e desce o outro lance da escada, afastando-se.

DANIEL (V.S.)

Essa daí é a Mim... ela é minha namorada, ou melhor, era... eu gostava muito dela. Ou melhor, ainda gosto. Acho que gosto. Acho que vou gostar sempre. Sei lá.

Daniel enquadra o Padre Eusébio, que se aproxima subindo a escada.

DANIEL (V.S.)

Este é o Padre Eusébio.

Um HOMEM de bigode sobe a escada ao lado do Padre Eusébio.

DANIEL (V.S.)

Este homem de bigode eu não sei quem é.

Ao lado do Homem de bigode surge Elaine.

DANIEL (V.S.)

E esta... Tu já conhece.

Daniel baixa a câmara desvendando todo o cenário, escada com a porta de entrada ao fundo, Padre Eusébio, o homem de bigode e Elaine parados e olhando para ele.

PADRE EUSÉBIO

Daniel. Nós precisamos conversar.

Daniel, no primeiro lance da escada, com a câmara na mão, não reage.

CENA 122 - SALA DO PADRE EUSÉBIO - INT/DIA

Elaine e Daniel estão sentados em frente à mesa do Padre Eusébio. O Homem de bigode ocupa uma poltrona. O Padre Eusébio, de pé, se movimenta pela sala enquanto fala.

PADRE EUSÉBIO

Naquele dia, Daniel, na manhã seguinte ao roubo, você contou uma história que eu considere inacreditável: você disse que foi o último a sair do laboratório, que o Lucas lhe deixou a chave, que você teve um... ataque de raiva, para se vingar do Lucas. Você quebrou tudo o que viu pela frente e foi embora. Você disse também, que eu me lembro, que não roubou nada. Você insiste em dizer que foi isso que aconteceu?

DANIEL

Foi isso que aconteceu.

PADRE EUSÉBIO

Naquela tarde... você ligou para alguém? Do telefone do laboratório?

DANIEL

Liguei.

PADRE EUSÉBIO

Para quem?

DANIEL

Para a Mim. Para o celular dela.

PADRE EUSÉBIO

Mim.

ELAINE

A Jasmim, filha do Domingos e da Jaqueline.

PADRE EUSÉBIO

Sei. (para Daniel) Você ligou para ela quantas vezes?

DANIEL

Uma só.

PADRE EUSÉBIO

Tem certeza?

DANIEL  
Tenho.

PADRE EUSÉBIO  
Você sabe o número dela de cor?

DANIEL  
Sei.

Padre Eusébio mostra um papel com número de telefone.

PADRE EUSÉBIO  
É este o número?

DANIEL  
É.

PADRE EUSÉBIO  
Bom... Neste caso, Daniel, eu vou ter que acreditar na sua história inacreditável. Isso, por um lado, é bom. É bom para o lado do Lucas. Você, Daniel, estava no laboratório, ao telefone, ligando para a Mim, exatamente às dezoito horas e quarenta e três minutos. E dois minutos depois, exatamente às dezoito horas e quarenta e cinco minutos, o Lucas estava dentro do ônibus para Caxias. Portanto... o Lucas não tem nada a ver com o que aconteceu.

O Homem de bigode observa Daniel.

PADRE EUSÉBIO  
Agora... esta história é ruim para você, Daniel. Muito ruim. Você, depois do seu ataque de fúria, foi o último a sair do laboratório. Portanto... você passa a ser o maior suspeito do roubo.

ELAINE  
O Daniel não roubou nada.

PADRE EUSÉBIO  
Dona Elaine, eu tenho certeza que não. Eu vi a reação dele quando eu falei do roubo, ele não sabia de nada. "Conscientia mille testes". A consciência vale por mil testemunhas. Plauto. Eu conheço o seu filho há mais de dez anos, ele é um bom menino.

ELAINE  
Então...

PADRE EUSÉBIO  
Então, somos todos honestos, mas a vaca... sumiu. Nós sabemos que, muitas vezes, a ocasião faz o ladrão. Provavelmente o que aconteceu foi que, ao ver a porta do laboratório aberta, as luzes acesas, alguém aproveitou para cometer o furto. Mas isso, Daniel, não o torna menos responsável.

DANIEL  
Eu sei.

PADRE EUSÉBIO  
Menos mal que o seu telefonema serviu para inocentar o Lucas, isso é a prova de que a espada da justiça nunca fere o inocente. Por mim, ficava tudo como dantes no quartel de Abrantes. Mas todos nós temos as nossas obrigações: eu, em nome dos interesses do colégio, e o senhor Dulcídio Caldas, em nome dos interesses da seguradora.

O Padre Eusébio pega duas folhas de papel, com um texto datilografado, e uma caneta.

PADRE EUSÉBIO  
Daniel, eu conversei com a sua mãe, ela me disse... me explicou que você está passando por ... questões familiares, conflitos... naturais da idade. Por mim este assunto se encerra aqui. O Lucas será, é claro, publicamente inocentado do roubo. O incidente não vai constar no seu histórico escolar, não se preocupe. Para acabar de vez com este lamentável episódio...

O Padre Eusébio entrega a Daniel as folhas.

PADRE EUSÉBIO  
... é só você, e sua mãe, é claro, assinarem esta declaração de que você provocou os danos do laboratório antes de sair, deixando a porta aberta.

O Padre Eusébio entrega a Daniel a caneta. Ele pega a caneta para assinar.

PADRE EUSÉBIO

E que ao deixar a escola os três computadores portáteis estavam no laboratório.

Daniel pega os papéis, olha para Elaine, olha para o Padre Eusébio, para o Homem da seguradora, impassível, observando Daniel.

Daniel volta a olhar para o papel, lê a descrição de três computadores portáteis, volta a olhar para o Padre e para Mãe.

PADRE EUSÉBIO

Os homens erram, os grandes homens confessam que erraram. Voltaire.

Elaine assente com um leve movimento de cabeça, Daniel volta a olhar para o padre Eusébio e para o Homem. Daniel assina o papel, as duas vias. Passa para Elaine. Ela assina as duas vias e entrega ao Padre Eusébio.

PADRE EUSÉBIO

"Si honesta sunt quae facis, omnes sciant." Se são honestas as coisas que fazes, todos as podem conhecer. Sêneca.

O Padre Eusébio pega uma das vias e entrega ao Homem de bigode. Guarda a outra via num arquivo.

CENA 123 - CORREDOR

Padre se despede de Elaine e Daniel, na porta.

PADRE EUSÉBIO

Caminhemos como de dia, honestamente. Romanos, treze, treze.

Elaine e Daniel saem pelos corredores do colégio, atrás deles, o Padre fecha a porta.

CENA 124 - RUAS DA CIDADE - EXT/DIA

Daniel e Elaine caminham pela calçada em silêncio, se afastando do colégio.

ELAINE

Somos todos honestos, mas a vaca sumiu.

DANIEL

Três vacas.

Daniel se afasta da mãe, atravessa a rua.

ELAINE

Onde tu vai?

Ele se afasta sem responder.

CENA 125 - RUAS DA CIDADE - EXT/DIA

Daniel corre pelas ruas da cidade.

CENA 126 - CASA DE LUCAS FRENTE - EXT/DIA

Daniel chega na casa de Lucas, entra pelo portão. Bate na porta, abre cuidadosamente.

DANIEL

Lucas! Alguém em casa?

Daniel entra.

CENA 127 - CASA DE LUCAS/QUARTO - INT/DIA

Daniel entra no quarto do Lucas. Larga a máquina sobre a escrivaninha. Pega um pedaço de papel e escreve um bilhete.

Procura alguma coisa para prender o bilhete no mural. Na tomada logo ao lado da escrivaninha, o plug amarelo que Lucas pegou no Laboratório com um fio ligado. Daniel deixa o bilhete sobre a escrivaninha, segue o fio que vai até o armário.

Daniel abre a porta do armário e vê: o laptop da escola.

Daniel, atônito, não sabe o que fazer.

Nesse instante, Lucas chega. Vê Daniel, o armário aberto, o laptop lá dentro. Os dois ficam constrangidos.

DANIEL

(sem graça) Eu vim aqui pra dizer que acabei de assinar que os laptops estavam no laboratório.

LUCAS

(completamente sem graça) Obrigado.

Daniel vai saindo, sem dizer mais nada.

LUCAS

Daniel.

Daniel volta.

LUCAS

A tua máquina.

Daniel pega a câmara, fotografa Lucas e vai embora.

DANIEL (V.S.)

Este é o Lucas. Ele sempre foi o meu melhor amigo. E eu sempre admirei muito ele.

Lucas se aproxima da escrivadinha e lê o bilhete.

DANIEL (V.S.)

Luc: Vim correndo pra cá. Os padres já descobriram que não foi tu que roubou os "três" laptops. Eles vão ter que engolir a humilhação que te fizeram passar e tu vai voltar por cima. A prova de química foi transferida pra quinta-feira. Daniel.

Lucas fica parado. Olha pela janela: lá fora, ainda é dia.

PADRE EUSÉBIO (F.Q.)

Errar é próprio do homem, perdoar é próprio de Deus.

CENA 128 - ESCOLA/AUDITÓRIO - INT/NOITE

Platéia do auditório do colégio Dom Bosco. Na primeira fila, entre os alunos da oitava série, Mim, Lucas e Daniel.

PADRE EUSÉBIO (F.Q.)

O Colégio Dom Bosco tem a honra de homenagear nesta formatura o aluno Lucas Soares.

No palco, Padre Eusébio e outros membros da diretoria da escola. O padre discursa. Lucas está visivelmente desconfortável.

PADRE EUSÉBIO

O tempo mata o erro e faz viver a verdade. E gostaríamos de dizer, em público, que desde sempre acreditamos na honestidade de Lucas, um dos nossos alunos mais brilhantes. Lucas sempre se dedicou e fez por merecer a bolsa por todos estes anos no colégio Dom Bosco. Gostaria de convidar Lucas a subir aqui na frente.

MÃE DE LUCAS, toda arrumada, aplaude emocionada. A platéia toda aplaude, menos Daniel, Lucas e Mim. Lucas levanta e se dirige para o palco. Daniel se levanta e sai.

CENA 129 - PASSARELA DO PÁTIO DO COLÉGIO - EXT/NOITE

Daniel sai do auditório e caminha tranqüilamente pela passarela que leva à saída da Escola. Mim vem ao seu encontro.

MIM

Tu não vai esperar pra receber o diploma?

DANIEL

Não.

Caminham em silêncio.

DANIEL

Tu já sabia?

MIM

O quê?

DANIEL

Tu já sabia que o Lucas tinha roubado o laptop?

MIM  
Ele não roubou, Daniel.

DANIEL  
(insistente) Sabia ou não sabia?

Mim não diz nada.

DANIEL  
Quando a gente foi a Porto Alegre, tu já sabia?

Silêncio

MIM  
O Lucas não ia roubar o laptop. Ele ia devolver no outro dia cedo... quando ele chegou na escola o laboratório tava todo quebrado. E os padres não deram a menor chance, já saíram chamando ele de ladrão...

DANIEL  
Naquele dia, na beira do rio, tu já sabia?

MIM  
E qual é a diferença de roubar três balas e roubar um laptop? Roubar três balas pode?

DANIEL  
Sabia ou não sabia?

MIM  
Sabia.

Daniel não olha mais para Mim, segue caminhando em silêncio. Mim desiste de acompanhá-lo.

MIM  
Eu vou voltar pra lá.

Daniel segue caminhando, desce a escada e sai da Escola. O som do auditório vai ficando cada vez mais longe.

CENA 129A - ALTO DA ESCADARIA - EXT/DIA

Vista da cidade. Igreja e colégio ao fundo. Daniel contempla a cidade.

DANIEL (V.S.)

Quando tu morava aqui já existia Lambe-lambe?

CENA 130 - CABANA - INT/DIA

Sentado em sua cama, Daniel-pai observa as fotos do filho. Fotos que Daniel tirou, mais as fotos do Lambe-lambe.

DANIEL (V.S.)

Tu consegue imaginar o barulho desta foto? Te lembra do barulho da Praça Quinze? Aqui não existem famílias poliândricas.

Daniel-pai olha as fotos dos três tiradas pelo Lambe-lambe. Os três fazem caretas e o fundo bucólico não corresponde ao som da cena, que é de burburinho de cidade grande (som do entorno do mercado público em Porto Alegre, camelôs, vendedores de frutas e verduras, pregadores).

Daniel-pai pega uma das fotos que Daniel tirou, colorida, e a coloca ao lado de uma foto antiga. em preto e branco. É uma foto de Elaine jovem em Pedra Grande. A foto de Daniel é do mesmo lugar da cidade hoje, com o mesmo enquadramento.

Daniel-pai observa e pega outra foto. É uma que Daniel tirou de si mesmo. Daniel-pai olha-a. Levanta, vai até um espelho, coloca a foto ao lado do seu rosto e observa. Prende a foto na moldura do espelho, com um carinho novo, ainda desconhecido.

CENA 130 A - RUAS/FRENTE CASA DE LUCAS - EXT/DIA

O carteiro Barão passa de bicicleta pela frente da casa de Lucas. No bagageiro, uma caixa. Lucas, à frente da casa, conserta a correia de sua bicicleta.

BARÃO

Dois a um.

LUCAS

Zero a zero.

Barão se afasta. Lucas continua arrumando a bicicleta.

CENA 131 - CASA DE DANIEL/FACHADA - EXT/DIA

O carteiro se aproxima da casa de Daniel. Faz sinal com a campainha da bicicleta. Em frente à casa de Daniel, ele para. E toca a campainha de novo, insistentemente. Maria Clara vem atender.

CARTEIRO  
Pro Daniel.

Maria Clara corre e pega uma caixa grande que está no bagageiro da bicicleta.

CENA 132 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Daniel, sentado à mesa do computador, examina as fotos que tirou, em papel, na sua mão. Olha a foto que tirou de Lucas na casa dele.

Na foto, atrás de Lucas, o armário aberto e o laptop dentro. Daniel olha atentamente a foto. Rasga-a. Parada na porta, Maria Clara observa o irmão, curiosa.

MARIA CLARA  
Tu não disse que ia me ajudar a terminar o quebra-cabeças? Falta bem pouquinho.

DANIEL  
Depois.

MARIA CLARA  
Se não ajudar, eu não te conto o que chegou pra ti.

DANIEL  
O que chegou pra mim?

MARIA CLARA  
Só conto se tu me ajudar.

DANIEL  
Depois.

MARIA CLARA  
Depois quando?

DANIEL

Depois! Conta logo o que chegou pra mim.

MARIA CLARA

Não sei, eu não abri. Deve ser uma bomba relógio.

CENA 133 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Daniel investiga um enorme embrulho sobre a cama. Encosta o ouvido na caixa. Olha o remetente, não se surpreende. Rasga o papel e abre o pacote.

Daniel tira do pacote uma câmara fotográfica digital profissional. Os olhos de Daniel brilham, maravilhados. Junto ao pacote, há uma nova carta. Daniel abre o envelope e lê.

DANIEL-PAI (V.S.)

Preparado pra virar fotógrafo de verdade?

CENA 134 - VISOR DA CÂMARA / CABANA - INT/DIA

No visor da câmara digital, Daniel-pai continua sua carta.

DANIEL-PAI

Resolvemos estender o "Antes que o Mundo Acabe" para as Américas. Provavelmente quando você receber esta câmara eu já esteja no México. Há muita coisa para a gente ver e fotografar por lá. Ficou surpreso com a notícia? Já é tempo de eu ficar próximo de alguém que eu nunca deveria ter perdido de vista. Quer vir?

CENA 135 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

No visor da câmara: Imagem da cabana, agora com menos objetos espalhados e com duas grandes malas arrumadas.

Daniel mexe nos controles da câmara, à procura de outro arquivo de vídeo. Nada.

CENA 136 - FRENTE DA CABANA / FLORESTA / RIO - EXT/DIA

Daniel-pai se despede do monge budista com um forte abraço.

Daniel-pai atravessa o rio.

CENA 137 - CASA DE DANIEL/QUARTO - INT/DIA

Daniel retira do pacote um colete de fotógrafo, cheio de bolsos, para guardar lentes, rolos de filmes, etc. Daniel veste o colete, se aproxima do espelho do armário, para poder ver melhor. Posa, admirando o efeito. Se diverte com seu próprio reflexo.

A expressão de felicidade estampada no rosto de Daniel. Daniel pendura a câmara no pescoço, olha-se no espelho, mira com a câmara, acerta o foco. Se fotografa. Estoura o Flash.

LUCAS (F.Q.)  
Oi.

Lucas está parado na porta.

DANIEL  
(meio sem graça) Meu pai me mandou.

LUCAS  
Legal. (silêncio) Eu não ia roubar o laptop.

DANIEL  
Eu sei.

Tempo. Lucas, bastante sem graça, pega uma bolinha de borracha pequena na mão e fica apertando.

DANIEL  
O que tu vai fazer agora?

LUCAS  
Não sei. "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come."

DANIEL  
"Há males que vem pra piorar."

LUCAS

"Quem tem pressa come cru, quem não tem fica com fome."

DANIEL

"O importante é ter dinheiro, mulher e bicho de pé."

LUCAS

"Passarinho que come pedra, sabe o que tem."

Daniel sorri e tira uma foto de Lucas com a máquina nova. Lucas sorri.

CENA 138 - BEIRA DO RIO - EXT/DIA

Na beira do rio, Daniel fotografa. Ele contempla a beira do rio, com seu colete novo, vestido como um fotógrafo profissional. Sinos da Igreja tocam.

Daniel permanece admirando o rio. Passa o barco cheio de crianças. Elas atiram bolinhas em Daniel. Daniel se defende e tira foto das crianças. Tira uma foto de si mesmo sentado à beira do rio. Foto do rosto de Daniel na beira do rio se mistura com fotos do Daniel com Daniel-pai.

MARIA CLARA (V.S.)

Alô, Galera. Aqui estou entre os índios mais punks da América Central. E este grandão aí ao meu lado vocês podem imaginar quem é: o Outro Daniel. Ele é muito legal, mas não sabe fazer pão, nem cogumelos, nem sonhos.

CENA 139 - CASA DE DANIEL/QUARTO DE DANIEL, TABLE TOP - INT/DIA

Na mesma caixinha/televisão de brinquedo que iniciou o filme, agora aparecem imagens e cenário da América Central. O barco fotografado por Daniel em Pedra Grande. Passa por paisagens de Chiapas com Daniel. Daniel com Daniel-pai. E outras fotos já recortadas e coladas sobre um cenário pintado por Maria Clara.

MARIA CLARA

As orquídeas das florestas de Chiapas estão desaparecendo. Chiapas fica no Sul do México.

Tem uma grande floresta e muitos índios. E o meu meio irmão, que ainda não dá descarga, mas que agora pensa que sabe fotografar, foi pra lá com o Pai dele. E essa história tá acabando, como todas as histórias um dia acabam. E também os ursos negros, e a camada de ozônio, e as famílias poliândricas, e até o universo. Mas o Mundo, esse eu acho que não vai acabar nunca mais. Se não, já pensou quanta letrinha ia ter que aparecer no final?

## CRÉDITOS FINAIS

FIM

\*\*\*\*\*

(c) Ana Luiza Azevedo, Giba Assis Brasil, Jorge Furtado e Paulo Halm, 2007  
Casa de Cinema de Porto Alegre  
<https://www.casacinepoa.com.br>